

& etc





ACTUAÇÃO ESCRITA de Pedro OOM

é uma edição & etc
produzida por Publicações Culturais Engrenagem, Lda.
Rua da Emenda 30, cave 3, 1200 Lisboa; telef. 371955

© Família do Autor

Capa e «hors-texte»:
Carlos Ferreiro

A Editora agradece à viúva do autor, Laura Oom, a cedência de textos e desenhos sem os quais não seria possível a publicação dos volumes «Actuação Escrita». Também à irmã do poeta, Maria Amélia Oom, a colaboração prestada, nomeadamente na elaboração das Notas Biográficas.

DECIDIMOS dividir em dois volumes a obra escrita de Pedro Oom. Assentámos o critério no facto de ter o poeta deixado vários planos para publicação dos seus textos, de entre os quais se escolheu o mais completo e simultaneamente o mais actualizado à data da sua morte — aquele que se intitularia Textos poéticos e polémicos e que constitui o presente volume; resolvemos pois corresponder ao desejo do autor através da selecção por ele elaborada e reunida num único livro, a que só modificámos o título por necessidade de uma designação genérica.

Remetemos para o segundo volume aqueles textos não incluídos nos planos (poemas da 1.ª fase, inéditos esparsos ou inacabados mas com factura que lhes permite sentido, entrevistas, etc.) que englobam a matéria publicável do espólio a nós entregue pela viúva do autor. Sem que se pretenda esgotar com estes dois volumes toda a actuação literária de Pedro Oom (deliberadamente não chamámos à colectânea «Obra Completa») sempre se diga que, de entre os papéis em nosso poder (admitimos a existência de eventuais inéditos dispersos por outras mãos), e com exclusão de algumas, poucas, cópias de cartas, só não publicamos simples rascunhos fragmentados, frases soltas, versões anuladas, etc., finalmente aquilo que julgámos — e disso tomamos a responsabilidade — caber apenas no âmbito de uma edição crítica necessariamente completa — a fazer, se tal for caso.

A ordem de publicação dos textos, sobretudo neste primeiro volume, caracteriza-se pela voluntária «anarquia» (cronológica, temática e de género) deixada entrever por Pedro Oom nos planos que elaborou. Também neste ponto, ultrapassadas dúvidas e descontentadas tentações ao fim e ao cabo académicas, decidimos não alterar grosso modo o que supomos ter sido intenção deliberada do autor: proporcionar ao(s) livro(s) uma leitura aberta, diversificada em vários tempos e linhas de tensão, afinal única na direcção do seu propósito interventor.

& etc

PEDRO OOM

Notas Biográficas

Francisco Pedro dos Santos Oom do Vale nasceu em Santarém, a 24 de Junho de 1926.

Aos dois anos de idade, por motivo de transferência do seu pai para o Regimento de Infantaria 11, foi levado da terra onde nascera para Setúbal e aqui viveu até aos onze anos. A sua infância ficou intimamente ligada a Setúbal, de onde sua mãe era natural.

A partir dos 11 anos de idade a família fixou-se em Lisboa. O pai aspirava a que Pedro ingressasse no Colégio Militar mas tal aspiração não foi nunca satisfeita por quem sempre amou a liberdade quase até à indisciplina. Assim, Pedro Oom recusou-se ao internamento naquele Colégio e a ser militar e matriculou-se na Escola Industrial António Arroio, ou Escola de Artes e Ofícios e de Habilitação às Belas Artes, embora com o desacordo do pai, que não se conformava com a ideia de o filho vir a ser pintor.

Naquela Escola conheceu Júlio Pomar, Vespeira, Mário Cesariny, Cruzeiro Seixas e tantos outros que, da fase neo-realista, viriam a aderir ao surrealismo.

A identificação de Pedro Oom com o surrealismo caracterizaria toda a sua vida, muito embora se tivesse imposto um «interregno» de quase dez anos.

Aos vinte e quatro anos, Pedro ficou órfão de pais e, consciente das suas responsabilidades para com a restante família, ingressou nos quadros do Instituto Nacional de Estatística, como funcionário público, fazendo uma carreira desconcertantemente disciplinada relativamente ao período anterior da sua vida.

Inicia, assim, aquele «interregno», afastando-se de toda a actividade artística e literária ligada ao surrealismo, sem, no entanto, deixar de desenhar e escrever episodicamente, como, por exemplo, na sua participação regular nos Jogos Florais do Instituto Nacional de Estatística, ou em trabalhos esporádicos de publicidade artística.

Dedicou-se então com entusiasmo ao xadrez, paixão que lhe granjeou distinções em torneios oficiais.

Este período de aparente abandono do surrealismo foi interpretado por Mário Cesariny como uma atitude Dádá de Pedro Oom. Se o avô materno fora anarquista, porque não admitir a herança de uma sua costela, não obstante os antecessores militares pelo lado paterno?

Em 1962, Pedro Oom dá por finda a sua vida de funcionário público e sai do Instituto Nacional de Estatística, convicto de que só liberto dessa obrigação poderá tentar nova vida. Cerca de dois anos depois, e tendo entretanto perdido todas as regalias de uma contratação que já não era possível, reingressa no funcionalismo público, desta vez no Ministério da Educação Nacional, onde se dedicou a estudos estatísticos sobre o ensino. No último dia da sua vida, 26 de Abril de 1974, ainda esteve no gabinete de trabalho.

Pedro Oom faleceu pelas duas e trinta da tarde no Restaurante «13» (número, de resto, muito da simpatia dos surrealistas), quando, com alguns amigos, festejava os acontecimentos que então se viviam apaixonadamente.

Toda a obra de Pedro Oom está impregnada de uma ironia que vai dos tons mais violentos da contestação à mordacidade pessoal, meio sorriso meio arreganhar de dentes, ou ao humor insólito do «crocodilo bebendo limonada na esplanada do Rossio».

Muito da sua obra literária, quer poética quer panfletária, ficou dispersa, não só em jornais e revistas mas também na posse de alguns «amigos» que se obstinam em não a ceder, ainda que para integração nos volumes que constituem a «Actuação Escrita».



ACTUAÇÃO ESCRITA

Pode-se escrever

Pode-se escrever sem ortografia

Pode-se escrever sem sintaxe

Pode-se escrever sem português

Pode-se escrever numa língua sem saber essa língua

Pode-se escrever sem saber escrever

Pode-se pegar na caneta sem haver escrita

Pode-se pegar na escrita sem haver caneta

Pode-se pegar na caneta sem haver caneta

Pode-se escrever sem caneta

Pode-se sem caneta escrever caneta

Pode-se sem escrever escrever plume

Pode-se escrever sem escrever

Pode-se escrever sem sabermos nada

Pode-se escrever nada sem sabermos

Pode-se escrever sabermos sem nada

Pode-se escrever nada

Pode-se escrever com nada

Pode-se escrever sem nada

Pode-se não escrever

O original faz parte de um dos catálogos da «Exposição dos Surrealistas», Junho - Julho de 1949. Reproduzido em «Contraponto», n.º 2, «Cadernos de Crítica e Arte», 1952, e em «A Intervenção Surrealista», Mário Cesariny de Vasconcelos, Editora Ulisseia, 1966. (N. A.)

A AFIXAÇÃO PROIBIDA

I

A Grande Espiral do Devir gira eternamente.

Para muita gente, o «eu incognoscível» é, na sua essência, uma aventura que excede as possibilidades humanas.

Mas, pergunta o ouvinte: — o Hotel Demoníaco de Lord Byron? O Budismo na China? O inclinar-se o clima perante as suas vítimas? Quebrar o Círculo Encantado colocando lençóis estilizados sobre o próprio corpo, será o único meio de evitar o abortamento colossal e a fatal ignorância. Porque o saber não é um dom que um possa entregar e outro receber passivamente, antes uma conquista que cada um deve fazer e refazer por conta própria.

Toda a concepção quadrangular, esférica, circular, ou mesmo a transformação em espiral do Homem, são, e serão, sempre, uma visão parcial do domínio natural escavado e repudiado continuamente, pelo próprio Homem, no seu avanço progressivo que se encaminha para a total compreensão poética do Cosmos. Para o **Mago**, os conceitos de **Forma** e **Matéria** são **vibração**. Pensar na morte do organismo, tal como se apresenta, eis aí a sua função positiva. Sabe-se, de resto, como isto é o caminho para a solução de muitos dos mais profundos Mistérios do «Processus» da Vida.

É a expressão de tais Mistérios que faz com que apareçam no peixe Grandes Manchas Vermelhas e na Múmia a capacidade de nos dar um gosto demoníaco de negação e de negação da negação — processo de crítica e autocrítica que irrompe espontaneamente.

ACABOU-SE A MATÉRIA!

O instrumento de morte foi uma haste pequenina e fina com uma minúscula lâmina na extremidade. E uma vez na posição devida soltou-se a lâmina e soltou-se o instrumento: a concha, a folha, a forma humana, que são decorações, desenhos semelhantes.

Mas, tornará a indagar o ouvinte, serve-se assim a Poesia? Que fazer?

RESSUSCITAR UM MORTO!

O mecanismo é simples: — grandes frutos esféricos de coqueiro e um objecto cilíndrico, tendo em cada extremidade dois nós de bambu, ficando somente, depois, a mudança de estado dependente das palavras mágicas, idênticas às que ressuscitaram Osíris.

Cingindo-se ao resultado desta transformação a íris torna visíveis as areias e as turfas da planície germânica, chegando-se assim a uma remota estação de pesca de baleia onde a terra argilosa, que é Poesia, é, igualmente, lábios finos, cabelos lisos e a marcha do desejo necrófilo.

Há verdadeiramente em todos estes esforços isolados um ponto único: o esforço vital para aperfeiçoar a poesia que tende a transformar a sociedade fechada em sociedade aberta.

Quem caminha aprende que toda a caminhada expõe a cair, mas, para nós, a queda vale mais do que a segurança de estar parado. Todo o complexo de ideias e de métodos tende naturalmente a exaurir-se, ao passo que a consideração de um ponto de vista novo deverá descobrir novos problemas. Afirmar em contrário, e, apenas, as limitações do espírito humano, seria permanecer de olhos fechados sobre um antigo ouriço flamingo.

As três actividades originárias do ser vivo, o complexo de Édipo, a extrema dificuldade de uma delimitação científica dessa coisa, de grande gravidade, que é a espantosa atracção que revela ao Poeta o FOGO e a VELA onde se une a comunidade das Cinzas, deixam entrever, assim como os documentos anteriores à Antiguidade Clássica, o sol do imprevisível.

Se me permite, houve um tempo em que se negava que o Homem estivesse em estado mórbido com hidratos no fígado. Não é idêntica, a esta, a desconfortável sensação dum queixo agudo sobre um olho que atravessa a garganta. É esse olho que hoje preenche o conceito de Liberdade, quero dizer: o conceito, se há algum válido, de Poesia, e não Liberdade tal como nos é definida pelos racionalistas como possibilidade de Escolha através da Razão, mas como explosão acontecida no mais profundo do Ser. Síntese que corporiza espontaneamente o poema num acto tradicionalmente chamado involuntário. É ali o Banco da Poesia — energias de instintos, previsões, tendências, sentimentos, recalques, imagens remotas ou recentes. E, em vários momentos, o Poeta reconhece nas conchas, nas escamas e nas fibras vegetais essa matéria especificamente subversiva que tem a Cor do Futuro.

É natural que o Poeta seja, por vezes, acusado de libertino e chamado à responsabilidade por incitar ao crime. Mas é sobretudo contraditório que se sinta relativamente a um criminoso um sentimento de simpatia e um desejo de vingança. É uma apropriação desta impressão que declinam deliberadamente, o que é justificável pelo assombro. A sua envergadura e pressentimento das verdades é uma obra futura. Dentro disto, a fita de ferro, o Poeta — é uma espécie de Sherlock Holmes guiando-se por meio de alguns fios condutores: Burgos, vilas, mercados, francesas, óbitos, astros, caminhos de ferro, navegações marítimas e em última hipótese, o estado metabólico do Social, que contribui para a descoberta de substâncias tão mortais para a Poesia que a quantidade que se possa erguer com a ponta de uma agulha é quanto basta para gerar cancro em camondongos

e ratazanas. Ficar só por aqui é, de resto, ir para o ritmo característico da poesia inferior.

A verdadeira Poesia obriga-nos antes a reparar na complexidade psíquica e a explicar o estado latente das Formas de Representação. A Poesia está na origem do símbolo, e na concentração sobre o objecto que, de súbito, é um ideal em si mesmo.

Propondo-nos nós a revisão exaustiva do Mito científico, parcelarmente optimista, e vendo consequências altamente vantajosas, opomos ao Empirismo a junção do dia AO DIA!

Estas tentativas em que nos baseamos, dão-nos, entre as primeiras antinomias, a energia inerente ao luminoso trapézio onde os acasos se apoiam, além da recusa de qualquer estética que é sempre manifestação de certas formas de nevrose obsessiva, questão de histeria, etc.. São de acentuar no entanto certas ordens directas e a doença desconhecida — que é absolutamente determinada com a experimentação sensual, as tendências epidérmicas e a regeneração dos amantes. Enfim, acreditamos que o aumento progressivo das maneiras de sentir só pode ser adquirido pelo exercício dos órgãos de vida de relação.

Uma falsa visão da sexualidade no agregado familiar leva, ora ao corte de orelha — caso Van Gogh —, ora à timidez — caso Amiel —, ora à idealização dum criminoso como um homem corpulento, de olhar fixo, olhos injectados e anomalias cranianas.

Atenção ao domínio das coisas esquecidas!

Limitámo-nos à exposição da recusa da Teologia revelada, ao mesmo tempo que se buscou dizer ser a Estética um mito atribuído a um herói cujas lendas são traços que nos desfiguram. Mas, fundamentado o sistema a favor da boa vontade e da invenção dos velhacos e ambiciosos, ao lado do conhecimento teórico e pouco prático, difícil se torna adquirir o dinamismo necessário para a compreensão e compensação do erro.

II

ESPERO que os meus auditores compreendam que não sou um erudito nem um filósofo, mas, sim, um longo diálogo. Outro factor também antipelagroso é o centro sobre o qual se move o perpétuo turbilhão da Poesia. Não devem esperar, tão pouco, de mim, frutos colhidos num vasto campo de investigação científica. Por felicidade minha, o tema da Poesia ganha em valor, e em interesse, conforme a experiência dos indivíduos que seriamente crêem nas suas capacidades.

O Homem tornou sua toda a geografia da Terra, negando os limites do clima, porque, diferentemente do leão e da rã, tem a capacidade de CRIAR para a sua pele e para a sua temperatura especial. O seu próprio organismo é quem talha por si, do meio em que vive, o seu próprio ambiente (como um todo articulado) e quem constrói, em harmonia com as suas particulares características, o seu pequeno mundo e o espaço vital onde há-de mover-se. A espontaneidade da vida é pois a característica essencial e o princípio directivo. Juntamos a isto o Mundo de Fantasia, das Causas Físicas, o Homem e a vastidão do decorrer dos séculos.

O fundamento de toda a experiência tem que estar fora da experiência. E assim para a Poesia o Oásis e o Deserto são as tenazes que a geram, já que a realidade não se baseia só na substância das coisas, mas também no seu caudal de relacionabilidade. Tudo se define pelo diferente. E para a Ideia da Totalidade duma Vida Única nós acreditamos na conjugação futura desses dois estados, na aparência tão contraditórios, que são o Sonho e a Realidade. Acreditamos numa Realidade Absoluta, numa SUR-REALIDADE, se é lícito dizer-se assim.

É a polémica das duas orientações filosóficas capitais que delimita o sentimento obscuro e inquietante dessa força envolvente roxo-amarelo-vivo que se desprende à volta de nós e se desvanece. Mas uma multidão de objectos exóticos, que entram

na nossa vida quotidiana, dirige-se contra o desenvolvimento regressivo que degenera o corpo, enrugando-o e fazendo-o perder a sua cor característica, convertendo-o numa cicatriz quase imperceptível.

Além da Poesia quase nada se encontra neste Deserto que parece ter sido esquecido pela Natureza. Deserto que provém da prática filosófica de pintar o Mundo inteiramente a Branco e Preto.

O afã da luta e do movimento, as esperanças e os desejos, a machadada e o propósito de não sacrificar-se construirão as paredes pintadas de brilhantes que fulgurarão ao SOL.

Nos Filósofos Jónicos reuniam-se grandes disposições e uma poderosa inclinação para a especulação mais abstracta. Uma espécie de revolta da inteligência contra uma sensibilidade excessivamente apurada — que passeia pelas ruas com passo vivo e gracioso, cabeça erguida, sem arrogância e pintada de cores vivas. Mas podíamos citar ainda: — Einstein, Júlio, Max, Lapinsky, Balter, Buken, Herman, Graf, Hiffel, Inácia Coreto, Stall, o Mandarim, Klages, Moisés, Kliper, Himel, Freud, Hegel, Maquiavel, Sade. E no plano dos factos tangíveis: — A vida sexual, O Cálice Romano, A Pedagogia Social, A pessoa e a coisa — a coisa e a pessoa — o período seguinte, A Acrópole Helénica, As Monções e a Imortalidade. Em mais breves palavras: — Aristipo e os Cirenaicos.

PARACELSO, o sonhador-espacializado, merece também ser citado nesta palestra. É o tipo do homem que possui decisão e

capacidade para sonhar por conta própria e com independência de Espírito. Há que lembrar os seus Manjares aos Deuses do Inferno, O Ideal do Conhecimento Poético como exigência do verdadeiro, e O seu Mergulho nocturno na Curva Ascendente.

Mais terrível ainda o Gume da Chave e todo o seu Arsenal pitorescol

Oh! quanta poesia existe no objecto sexual que não foi, como queriam os sacerdotes, desfigurado.

E quantas Mocas Serpentinhas e Ossos de Baleia pendem dos nossos pulsos!

Vê-se pois o fundamento, o suporte que sustenta o Homem e que trazendo-o como que ao colo lhe torna possível o seu comportamento e as suas atitudes ao sentir a presença de estranhos no quarto e com eles dois nomes referidos a coisas distintas.

Existem insignificantes que sempre afirmam ser preferível viver como suíno farto a viver como Homem. Apesar disso, reparem com atenção nos cadáveres e nos caracteres gravados nas paredes de certos túmulos, signos que lhes dão calor, ocupam a imaginação e calam fundo no entendimento.

Porque devemos seguir esta conduta moral? — perguntará o ouvinte.

— Porque a Idade de Ouro poderia muito bem ser a Maçã eriçada de Dentes do Cavaleiro Medieval a quem de bom grado reconhecemos a pureza de espírito.

— Porque seria erro identificar o esforço humano com as mil e oitocentas calorias necessárias à conservação da vida na sua maior simplicidade.

— Porque descrever os sofrimentos, captar com viveza o presente, relatar factos, é certamente trabalho, mas não é todavia Arte.

— Porque a Altura e a Miséria são dedos de água, são o hélice e as argolas do Castelo de Sade.

— Porque os nossos impulsos não coincidem necessariamente com qualquer lei moral imposta.

— Porque a verdadeira ciência é o saber esquecido, é o turbilhão de pequenas mãos de vidro no reflexo furioso do metal candente que formará as gotas do nosso pensamento.

— Porque o meu cérebro marcha através dos vossos olhares e a atmosfera poética resplandece de milhares de estrelas.

Assim nos aparece o destino Poético.

Aqui já ninguém busca um séquito. QUERE-SE COMPANHIA! Quere-se o Caminho lento e incendiário do Amor. A destruição da Natureza. A Flor Macabra e o Perfume Exótico da Paisagem Petrificada.

Em colaboração com António Maria Lisboa, Henrique Risques Pereira e Mário Cesariny.

Reproduzido em «A Afixação Proibida», Edições Contraponto, 1953 (Edição abusiva e distrativa de alguns textos de «O Surrealismo e o Seu Público em 1949», segundo a opinião de Cesariny, que é também a do Autor), em «Antologia Surrealista do Cadáver Esquisito», Mário Cesariny de Vasconcelos, Guimarães Editores, 1961, em «A Intervenção Surrealista», M.C.V., Editora Ulisseia, 1966. Os textos de «O Surrealismo e o Seu Público em 1949», constituíram as comunicações efectuadas em Maio de 1949 no Jardim Universitário de Belas-Artes: «Cruzeiro Seixas, Pedro Oom, António Maria Lisboa, Mário Cesariny, Henrique Risques Pereira, Carlos Eurico da Costa, Fernando Alves dos Santos. Em carta dirigida a Mário Cesariny, Mário Henrique Leiria solidariza-se com as comunicações efectuadas. Estas originaram debates de que os iniciadores se abstiveram e duraram um mês, terminando na saída para a rua de um 'enterro do surrealismo' que, por falta de organização conducente, acabou na esquadra». (N. A.)

«OS SURREALISTAS DIZEM DE SUA JUSTIÇA...?»

CONQUANTO «em nada possa interessá-los a existência profissional» do crítico literário João Gaspar Simões, escreveram Alexandre O'Neil e José Augusto França, no n.º 236 de «Sol», uma espécie de réplica ao que esse crítico achou bom dizer a propósito ou não dos caderninhos de que aqueles e mais António Pedro são autores.

Ora:

Sem por nada deste mundo pretender ajudar as pacoviadas que J. G. S. possa ter dito sobre Surrealismo (e disse-as), é-nos suficientemente claro que elas não são maiores nem inferiores às pacoviadas que, nos mais diversos planos, ao sabor das mais variadas ligas, diplomas e compromissos de salvação privada-pública, têm revestido letra de jornal ou ensaiozinho (breve) desde que o uso, ou abuso, do **tema** pareceu de aproveitar aos roedores das artes, das letras e das outras (inúmeras) salvações de Lisboa.

Pacoviada — esta, imperdoável, dada a alguma dignidade com que este escritor costuma servir as suas migas críticas — as considerações de Jorge de Sena acontecidas na revista «Seara Nova», e terminadas com uma «Ode ao Surrealismo Por Conta Alheia», da qual o menos que se pode dizer é que excedeu todas as suas congéneres no estilo insinuoso, maneta e sacristão.

Pacoviada o anúncio de um Ballet de «características surrealistas», anúncio posto a circular pelo «Círculo de Iniciação Coreográfica», estando o Ballet servido a figurinos e cenários de Almada (I), música de Liza (II) e direcção coreográfica de Paul Sillard (?).

Pacoviada a consciência de Almada e a tal «Mephisto-Valse».

Pacoviada Adolfo Casais Monteiro: «seja o que ele for, é como literatura que ele se nos impõe» — o «ele» é o Surrea-

lismo (As Artes e as Letras do «Primeiro de Janeiro» de 1 de Dezembro de 1948).

Pacoviada — e esta **tem tudo a ver** com um dos signatários do reparo feito a Gaspar Simões — pacoviada mísera confundir actividade surrealista com pendurações em recinto de teto oficial («Balanço das Actividades em Portugal», José Augusto França).

Pacoviada a parte de António Pedro nos debates do «Jardim Universitário de Belas Artes» — lugar, por excelência, da grande pacoviada — a quando do que veio a suceder **depois** das comunicações por nós oralmente depositas no seio desse «Jardim», comunicações cuja «oportunidade» e cujas consequências serão por largo tempo invisíveis aos olhos dos ratos da cultura, aos da informação a expensas do outro, aos do automatismo tonsurado — e, claro está, às pessoas do público que lá nos viu.

Pacoviada o «ideário seareiro» que auto-autoriza Câmara Reis a recusar a publicação de uma resposta nossa aos já citados considerandos de Jorge de Sena, **por não estar ela** (a resposta) **à altura da «Seara»!** (Pacoviada estilo: o rabo do gato de fora — De Como Se Fabrica Uma Censura Interna numa Revista que Chora Ante a Censura Oficial).

Pacoviada os Grupos de Lisboa.

Pacoviada os pedagógicos porques.

Pacoviada o Surrealismo minhoto.

Pacoviada o «Pintor de Arte e Escritor Discípulo de Aquilino e misto de eterno chato».

Pacoviada o **não poder haver** uma arte progressiva que não a do Realismo (Pacoviada, esta, do conhecido género: **só vai haver** Manuel de Campos Lima).

Pacoviada a Arte Progressiva.

Pacoviada o Mário Dionísio dizer às gentes que «não tenho rancor ao Surrealismo».

Pacoviada os poetas-política.

Pacoviada os políticos-poeta.

Pacoviada o psiquismo maternal dos da Especialidade.

Pacoviada o consultório técnico de Cândido Costa Pinto.

Pacoviada os que preferem e os que não preferem o **Mito à Realidade**; o materialismo histórico das paixões de Jane Eyre; «a luta contra a Igreja»; os bons dos caderninhos; a intranquilidade funcionária pública «contra» as já decorativas tranquilidades «de classe».

Pacoviada que de toda a maneira estruge, rebenta, encavalita, tão calmamente encarada, tanto e tão bem em mais de um passo assistida pela caricatura de Grupo Surrealista a que, entre outros, J. A. França e A. O'Neill gostam de pertencer, que fica pela craveira do descaro, ou da gozosa inconsciência, anatemizar-se um pobre dum sr. João Gaspar Simões, deixando-se de conserva a limalha da casa, as mãos do senhorio, as esguelhas do vizinho e o incólume lixo das visitas (amigas).

Pacoviada, pois agora, e sempre, o testemunho daqueles que, por nada deste mundo dispostos à clarificação total, sem compromisso possível, que a atitude surrealista, para o ser, pressupõe, vestem hipocritamente — apenas porque chove — um «cache-col» «Breton» e vêm estruturar prestígios pessoais, agindo em literato e para literato.

Pacoviada a História Ético-Afogada do Surrealismo em Portugal.

Pacoviada a Ética nas mãos da Estética.

Pacoviada a Estética do Sudário da Estática.

Em colaboração com Mário Cesariny de Vasconcelos. Lx. 1949.

«Publicado no saudoso hebdomadário «Sol» (1-10-49), o não menos saudoso tenente-coronel Lello Portela suprimiu no texto, com desolada anuência dos autores, as palavras: migas, maneta e sacristão, referidas ao poeta-ensaista Jorge de Sena. Incluído no vol. III da antologia dita «Os Modernistas Portugueses», compilada por Petrus, o texto teve ali, por consequência, a mesma mutilação». Nota de Mário Cesariny de Vasconcelos in «Antologia Surrealista do Cadáver Esquisito», Guimarães Editores, 1961. O título é da Redacção do Jornal. (N.A.)

O SONHADOR ESPACIALIZADO

ESTE PERFUME, hábito benigno, incêndio espectacular de crateras extintas, este perfume é a estrada dos teus cabelos, das tuas superstições, das tuas violências absurdas, mulher-noite, mulher de espinhos com a tua floresta de água salpicada de estrelas, estranha, opaca, a todos os títulos única, a todos os títulos notável!

A tua voz desliza nos confins da geleira que é o teu corpo entre nuvens e ondas furiosas, recordação vingativa, bússola doida condenando o tempo, este tempo, o nosso! Eu acredito no inacreditável. Haverá um tempo para os comboios de espuma e para os aviões de lama. E um outro tempo para as tuas mãos desenrolando os caminhos, para o reflexo da tua cabeleira imitando as marés, para a máquina giratória do teu sexo livre, para a fotografia do teu rosto em chamas.

Não há razão para queimar a esperança. O teu leito ainda está húmido de orvalho e os teus olhos ainda se negam aos Deuses. A realidade da tua nuca Everest de gelos eternos, a carreira sem fim dos teus braços arco-íris circundando o meu corpo, a cordilheira da tua pele macia onde as minhas mãos se apoiam, são ainda e sempre o único motor para o «looping» no espaço, a única clareira onde o sonho floresce, a única estrada que só conduz a si mesma.

Eu digo-te que não há razão para queimar a esperança, esta esperança que tinge os teus lábios e que vai connosco até ao fim dos abismos, êxtase delirante onde não existe o Presente e onde o Futuro é um espasmo violento, uma chama súbita em que eu e tu nos fundimos.

Não há razão para queimar a esperança, esta rubra mistura de sonho e lava, perfeitamente conjugada como um círculo em repouso. Tenho-te sempre nos meus braços, no meu ser, e por isso quando me debruço nos debruçamos sobre o precipício

olvidamos a nossa condição de indivíduos para sermos o fluxo e o refluxo da História.

Já não somos o que se classificaria de um homem e de uma mulher, mas sim uma multidão de sombras povoada de nuvens, a fusão de dois ácidos, a resolução de um problema.

A minha carne é o teu nevoeiro perpétuo.

1949

MÃO TÓTEM

EXISTE, lá, entre las sombras e o declinar dos vazios um homem deitado. Este alonga-se pelas estradas macias e a sua sombra persegue-o no seu repouso pela eternidade.

Outrora, quando os caminhos eram possuídos de lama, o sangue que jorrava das crateras que contorcem os céus tinha o sabor mais puro que um seio de mãe pode ter.

Assim, deitado, ele ergueu-se levemente apoiando-se no cotovelo direito e pôs-se a espreitar a eternidade. Esta era feita de si mesma sem direito algum a qualquer recompensa.

Falou em surdina, quase com medo de acordar as trevas que sugam no povoado:

«Aqui estou, semiconsciente, como morto que de repente acorda e que sente a sua insensibilidade projectar-se monótona no dia a dia infindável.

Aqui estou, semimorto, como uma vela automática que se apaga na escuridão e se acende quando a luz do sol rompe ruidosa. Meu lamento não é raiva nem certeza. Espreitei na fechadura dos horizontes e o que eu julgava ser vácuo e raiva emplumada mostrou-se-me coalhado de cogumelos e de lagartas. Notei, em seguida, um perfume esquisito, cheiro forte de coxas queimadas que eu soube depois ser o excremento do sexo dos Deuses».

A estrada interminável persegue-o. Um automóvel move-se interrompendo-lhe a locomovidade dos pensamentos.

«Agora compreendo porque o vazio é uma ideia compacta e esta, inversamente, um conjunto de Deuses. Expulsei-os! Meu lamento não é raiva nem certeza. Sou eu, expulso dos meus pensamentos».

Ergueu-se. Levantou e sacudiu as espáduas. Era mais alto que os montes.

Adiantou-se.

A sua sombra infindável persegue-o nos horizontes.

Há qualquer coisa que faz sofrer infinitamente a humanidade. Calcule-se o peso de tal sofrimento medindo-o por quilos, por latas, por transatlânticos, por caçarolas e por sacos de café.

Há qualquer coisa...

Na planície aberta a todos os ventos levantou-se uma parede, caiu uma árvore, rompeu-se um dique, construiu-se uma ponte. E, súbito, a vastidão rompe num falar brusco, de repelão, sem sustos:

«Bom dia, Vossa Excelência compreende, por certo, que eu, mísera, nada posso fazer quando o peso da consciência se abate como avalanche sobre a delgada crosta de um verniz de séculos. Vossa Excelência compreende, por certo...».

Mas a noite chega e é a mesma de sempre.

UM ONTEM CÃO

No alto das nuvens
todo o ódio inconcebível
toda a mágoa molhada
todo o terror liquefeito
sobreveio da espuma
rebentou do nada

como

uma pulga
um elefante
ou
uma
esfin
ge

No alto
eram sobretudo
botões caluniados
de voz doce nas gargantas
secas e olhares de monstros
sobre os abismos
falsos

Tudo

tudo
tudo

veio da cristandade nas
canções da manteiga no
discursar dos queijos na
ditadura das pomadas

mas
sem
alegria
sem
desejo
e sem
ambições

E com os ossos esmurrados
e as costas dobradas e os gestos fechados
à chave à chuva
na chaminé do luar
e nas pulgas dos padres com eléctricos
de recordações e loucuras

Nasceram
do medo
de dizer
merda e
da angústia
de abrir
os sexos
com necessidade
saprófita
de bigodes
e pasmaceira
horripilante
de mitras
no aconchego
espiritual
das lagartas
que sobem
nos candeeiros
da vida
alargando o cós

das calças
beliscando o cu das mulas

até
se abrir no cérebro
uma legião deletéria
e rasgar-se na pele
uma comichão necessária
e levantar-se nas unhas
um medo tsé-tsé

S ã O
altares

erguidos no vento dos ventos
erguidos à chuva
e é chuva erguida ao luar
com murros soprados nos cérebros luzidos
da Escada que fala na Estrela dos cemitérios
por tudo e por nada
com Júlio à cabeça
com António à ilharga
e meninos ao colo

F I Z E R A M

Carabinas
das chaves com olhos
e um trono
dos peitos abstractos
que habitam os gelos das furnas
malsãs

As garrafas entoam placidamente

NINGUÉM CONHECE

é desconhecido

NÃO PASSOU POR AQUI

ERA UM QUE LEVAVA

UMA TROUXA?

Talvez o último sortilégio das mãos aguadas
do primeiro canto das éguas recém-nascidas
talvez o amoroso ornear das bestas
talvez o sádico hemoptisar dos presuntos
na febre do cio

Eles levantam o zelo nas nuvens
o ciúme nas crateras
e caminham
passo a passo
com
a

cautela dos missionários
a histeria gigante das freiras
e o roncar habilidoso dos centauros

com Prometeu nos intestinos
e os ventres atafulhados
de rosas, botões e cravos
pregos de estufa e bandeiras

desfraldadas

urros frescos
com pèzinhos grelhados
unhas serrilhadas
Mitos à Gomes de Sá

1949

[Publicado pela 1.ª vez em Pirâmide n.º 1, Fevereiro de 1959; outras publicações: A Int. Surrealista (única em que foi transcrito correctamente), Poesia Portuguesa do Pós-guerra, ed. Ulisseia, 1965, Antologia do Humor Português, ed. Afrodite, 1969].

AUTOFICÇÃO DA CIDADE AMOROSA

Construí-a

irreal

transparente

lúcida esguia um mar

interior na barriga

correias de transmissão nos cabelos

Os anéis de Saturno são a força centrí-
fuga centrípeta que lhe agita os braços
no espasmo amoroso

Halley o metropolitano

75 milhões de anos-luz atravessam-na da cabeça
à cauda

deito-me com ela todas as noites na via láctea

1949

[Publicado em A Intervenção Surrealista, ed. Ulisseia, 1966]

CARTA AO EGITO

A POESIA não necessita de «ser salva» porque o que nós entendemos por poesia não necessita de espécie alguma de salvação. Todo o acto de revolta ou de rebeldia, todo o processo de violentar «a natureza» e de desconhecer o direito e a moral é para nós poesia embora não se plasme, não se fixe, não se possa generalizar — e aqui está, implícita, a recusa terminante de amarrar o poeta a uma técnica, seja ela qual for, mesmo a mais actual, a mais oportuna, porque, precisamente, o que o distingue do homem de técnica é um sentido de não oportunidade, de inoportunidade, que lhe advém duma clarividência total e duma insubmissão permanente ante os conceitos, regras e princípios estabelecidos. Com isto não queremos dizer (Deus nos livre!) que o poeta seja um louco, um visionário, mas que, se ele tem de possuir uma estética e uma moral é, sem sombra de dúvida, uma estética e uma moral próprias.

A poesia é um meio de conhecimento e acção de cujos frutos, bons ou maus, só o poeta aproveita (facto, este, de que muito poucos se dão conta) e daí a inutilidade dos esforços para ligá-lo a qualquer filosofia, política ou teologia, inutilidade que se não desmente no caso de ser o próprio poeta a tentar essa aproximação. É (foi) o caso de Régio como o de Mayakovsky: a sua voz continuará estranha e o sentido das suas palavras incompreensível mesmo para aqueles que escolheu como amigos ou correligionários. É que o poeta é rebelde sem premeditação, demolidor de tudo e de si próprio, esforçadamente anti-caridade-encostada-às-esquinas-de-pistola-em-punho ou caneta-na-mão-lágrima-de-jacaré.

Daí que resultem contraditórios os termos de poeta católico, marxista, surrealista, existencialista, anarquista ou socialista, quando não se desconhece que só ao poeta é dado compreender o poeta. Daí que resultem ridículas as homenagens colarinho-

-alto ou selecta-de-infância com que é costume, aqui e lá fora, enfaixar o cadáver daqueles que como Fernando Pessoa, Rimbaud ou Gomes Leal foram em vida o mais esforçado testemunho contra o bom-senso-não-deites-a-língua-de-fora.

O que possa haver de menos compreensível em tudo isto resulta do facto de que toda a explicação necessita de uma outra explicação para ser compreendida. Aquilo que de um modo imediato é para nós verdadeiro só será inteligível para outrem depois de uma determinada «mastigação» durante cujo processo já todo o objecto em causa adquiriu nova cor, nova forma, novo ou novos sentidos de interpretação. O poeta tem a clarividência desta transformação e daí a sua atitude, sempre de recusa a qualquer espécie de imposição, e ainda quando nos parece que um dos seus gestos adquire uma cor mais conformista, ou um tom menos violento, ele não é mais do que uma forma diferente de recusa.

1949

Excerto de uma carta ao poeta Egito Gonçalves. Reproduzido em «Antologia Surrealista do Cadáver Esquisito», Mário Cesariny de Vasconcelos, Guimarães Editores, 1961, e em «A Intervenção Surrealista», M.C.V., Editora Ulisseia, 1966. (N.A.)

UMA CARTA PARA PALMA-FERREIRA

Ilustre Sr. Dr. João Palma-Ferreira :

Não tenho o gosto de o conhecer pessoalmente, nem sei, tão-pouco, se na realidade teria algum prazer nisso.

Desculpe-me V. Ex.^a esta rude franqueza, à laia de intróito, mas acontece que, de há muito, deixei de ter qualquer sentimento de admiração, ou sequer respeito, pelos bem encapuçados adornos (vivos) da literatura nacional, sejam eles muito ilustres ou não.

Não é este, claro, o caso de V. Ex.^a, nem tão ilustre nem tão decorativo que me iniba de lhe fazer uns pequenos, mas muito respeitosos, reparos às suas críticas a «Nobilíssima Visão», de Mário Cesariny de Vasconcelos, e a «Folhas de Poesia n.º 4», in «Diário Popular», de 6-8-59 e de 10-9-59, respectivamente.

Embora há cerca de dez anos voluntariamente exilado dos palcos, arenas, tribunais e circos literários, tenho vindo a seguir com muito interesse admirativo o esforço que V. Ex.^a tem desenvolvido no sentido de compreender, explicar e historiar certas dejecções literárias e antiliterárias nacionais, já de si tão difíceis de compreender, explicar ou historiar.

Na realidade tão difíceis que, apesar do meticuloso e erudito cuidado dos seus trabalhos críticos, a confusão se avoluma no espírito dos que querem por força saber, dos que não compareceram, dos que estão, e até no daqueles que sempre estiveram presentes. Faça a justiça de não lhe atribuir culpas em tal embróglio do Surrealismo, Futurismo, Sensacionismo, Orpheu e Presença e se, acaso, algumas lhe cabem são tão pequenas que me apraz continuar a tirar-lhe o chapéu (que não uso).

A título de desembróglio vou tentar esclarecer V. Ex.^a acerca do que sei do Surrealismo indígena e dos seus próceres, entre os quais fui classificado.

Desde já, apraz-me dizer a V. Ex.^a que nunca fui surrealista, não o sou, praza a deus que nunca o venha a ser, e que, nisto de se ser Surrealista Cá só o foi, é e continua sendo, justiça e glória lhe seja dada, Luiz Pacheco, morto de um ataque de asma em 1953, salvo erro. (Lá mais para diante me explicarei melhor, se me apetecer, claro).

No princípio da sua crítica a «Nobilíssima Visão», de Cesariny, refere-se V. Ex.^a a uma louvável iniciativa de Petrus coligindo os manifestos dos Modernistas Portugueses. Como não conhecia tal iniciativa, procurei saber dela e só depois depor no regaço de V. Ex.^a estas considerações.

Começo por não concordar com o adjectivo. Porquê louvável? Que sabe V. Ex.^a de e das intenções de Petrus ao publicar aquela antologia? Eu então não acho de modo algum louvável que se misture alhos com baralhos ou que se sirva uma tão apetitosa salada sem tempero.

Para nós (os que foram catalogados de dissidentes) nunca fomos Modernistas e se, porventura, fomos alguma coisa foi precisamente o contrário daquele propósito, isto é, termos sido absolutamente, intransigentemente reaccionários (vide o que eles querem: «A destruição da Natureza»).

Só me espanta que o zelo do sr. Petrus não se tenha lembrado de publicar também no referido volume a Declaração da República, a Constituição Portuguesa, o Código Penal, e o «Tudo como dantes, Quartel-General em Abrantes». Então sim, seria muito, mesmo muito louvado.

Na tal crítica de que estamos falando, em certo passo diz V. Ex.^a que «é só na Afixação Proibida, primeira comunicação dos Surrealistas Dissidentes, proferida em conferência no J. U. B. A. em 1949, mas só publicada em 1953, e supostamente assinada por A. Maria Lisboa, Pedro Oom, Risques Pereira e Cesariny, que vamos encontrar a primeira tentativa de definir limites a um grupo».

Ora, Sr. Dr., logo naquele período se encontra um erro manifesto e uma suposição abstrusa: Os signatários de «A Afixação Proibida» jamais se intitularam dissidentes ou não (isto nada tem a ver com V. Ex.^a) e por isso (isto tem tudo a ver com V. Ex.^a) nunca se incomodaram em tentar definir limites a ninguém e muito menos a si próprios.

Nunca fomos um grupo (com letra pequena ou com letra grande), quando muito um agrupamento ocasional, muito ocasional mesmo: daí que não se deve estranhar que alguns manifestos e comunicações só tenham sido assinados por um ou dois dos então próceres mais activos — os outros não estavam de acordo com o texto, com a forma, ou, simplesmente, estavam-se marimbando.

Depois, Sr. Doutor, quando supõe que «A Afixação Proibida» não foi assinada pelos signatários quem e o que o levou a supor tão grande enormidade?

«Luiz Pacheco, editor da Contraponto, que publicará as obras principais (esta das principais é, de facto, de V. Ex.^a ou foi o malandreco do Luiz Pacheco que lha sugeriu ?) de A. Maria Lisboa e de Cesariny, ao dar ao público, em 1953, esse texto histórico, quando o Grupo Surrealista já há muito se fragmentara, fez saber que P. Oom e Risques Pereira haviam renegado o manifesto que, ao cabo, era totalmente da autoria dos srs. António Maria Lisboa e Mário Cesariny (...). Nesse mesmo aviso se consignou que muitos outros membros do Grupo não haviam tomado conhecimento da Afixação Proibida».

Não, Sr. Dr. Palma-Ferreira, tenha paciência, V. Ex.^a não leu o tal aviso do supracitado Pacheco, ou não o fez na devida posição, ou então o sr. Pacheco não o escreveu — esta é a suposição mais lógica atendendo a que se admite assinaturas sem signatários e vice-versa, e a que o tal Fulano, que assina também com várias alcunhas, é useiro e vezeiro em escrever o que não se diz e em não dizer o que se escreve.

Ora, neste caso, o tal aviso do sr. Fulano diz até muitas coisas, mas o que ele não diz é o que V. Ex.^a afirma, ou não afirma o que V. Ex.^a diz: que P. Oom e Risques Pereira tivessem renegado a «A Afixação Proibida», que a mesma era totalmente da autoria dos srs. António Maria Lisboa e Mário Cesariny... que muitos outros membros do Grupo não haviam tomado conhecimento da Afixação Proibida.

Quem disse que P. Oom e Risques Pereira tinham renegado o surrealismo (não a «A Afixação Proibida») foram dois dos autores daquele manifesto (A. M. Lisboa e Cesariny) numa nota inserta nas guardas da referida publicação. Ora a tal notazinha é que era totalmente da autoria dos srs. António Maria Lisboa e Mário Cesariny, da tal notazinha é que muitos outros membros do Grupo não haviam tomado conhecimento. Não vejo pois como foi V. Ex.^a arranjar um tão grande embrulho no qual há autores que, do princípio ao cabo, não tomam conhecimento do que escrevem, assinam e empurram cá para fora em grande regozijo e muita liberdade.

Só vejo uma explicação para a lamentável escorregadela de V. Ex.^a: Suponho (também gosto de fazer suposições) que V. Ex.^a foi informado oralmente por Luiz Pacheco pois que deve ser frequentador do seu dele estábulo literário. Tome V. Ex.^a cuidado com as companhias, não vá o citado discípulo ainda vir de dizer de V. Ex.^a o que um dia me disse de Natália Correia: «Hei-de fazê-la comer surrealismo à manjadoura, a questão é saber-lho dan».

Concluo, portanto, que devem ser da autoria de Luiz Pacheco, embora assinados por V. Ex.^a, os dislates, inexactidões e caquetismos seguintes:

—«O Grupo Surrealista definhava, embora o Comunicado dos Surrealistas Portugueses, até há pouco inédito em Portugal e que se destinava à publicação em Londres; datado de 1950, seja ainda(?) assinado por M. H. Leiria, J. A. Silva e Cruzeiro Seixas». (Os únicos surrealistas

vulgo dissidentes que, além de Cesariny, estiveram no Grupo Surrealista de Lisboa — não houve outro — fui eu, A. M. Lisboa e Risques Pereira.)

— «Os dois únicos surrealistas portugueses — dissidentes ou não — estavam definitivamente (?) realizados: António Maria Lisboa e Mário Cesariny de Vasconcelos»,

— «Praticamente estava encerrada a questão surrealista...»

— «...a preocupação em manter uma coerente atitude surrealista que nos outros ou foi desautorizada pelo constante esforço de criação literária...»

— «Pois nem Lisboa e muito menos a província detêm o ambiente necessário à instituição de um grupo qualquer (?), quanto mais de um grupo surrealista.»

— «A atracção da literatura, com toda uma longa parada de vícios e quimeras, venceu quase todos os que acompanhavam Cesariny.»

— «...a técnica surrealista...»

Tudo isto se refere à crítica de V. Ex.^a a «Nobilíssima Visão». No que diz respeito à que V. Ex.^a fez a «Folhas de Poesia n.º 4», as patacoadas acerca de Surrealismo, embora em menor número, não são maiores nem inferiores àquelas, quanto a qualidade:

— «O hermetismo surreal que constituía a base dos poemas de Ângelo de Lima.»

— «Estamos assim, perante um poeta que com Raul Leal, Mário Saa e Edmundo de Bettencourt pode ser considerado

um dos percursores do surrealismo em Portugal, na medida em que poucos poetas foram tão imediatos como ele e tão automaticamente revelaram uma vida psíquica desligada das realidades quotidianas e, exactamente por isso (esta preocupação de ser exacto é saborosíssima), mais aceitável de que alguns conscientes exercícios de automatização mais tarde realizados por não raros membros dos grupos surrealistas».

E pronto. Resta-me somente avisar V. Ex.^a de que não deve, a bem do decoro da sua posição de crítico, acreditar como surrealistas todos os que dizem sê-lo nem como não surrealistas todos os que afirmam não o ser, porque pode-se saber e não se dizer, não se saber e dizer que sim, não se saber que se é. E que surrealista = mais ou menos escândalo, surrealista = mais ou menos confusão, surrealista = mais ou menos espectáculo, surrealista = mais ou menos sordidez literária, só Luiz Pacheco e, já agora também V. Ex.^a, embora V. Ex.^a não o saiba, embora V. Ex.^a não o diga, embora V. Ex.^a diga o contrário.

Muito respeitosamente tiro o chapéu a V. Ex.^a e subscrevo-me

Pedro Oom

Lisboa, 14 de Setembro de 1959

A P Ê N D I C E

A PRESENTE CARTA, ENVIADA AO DR. PALMA-FERREIRA

EM 14-9-59, MERECEU DO ILUSTRE CRITICO

A S E G U I N T E R E S P O S T A :

Lisboa, 14 de Setembro de 1959

Ex.^{mo} Senhor:

Acabo de ler a sua carta que muito agradeço e a que respondo o mais breve e o menos coerentemente possível.

1) Como não sou amável, confesso-lhe que também nenhum prazer teria em o conhecer pessoalmente.

2) Só o classifiquei como prócere do surrealismo indígena na medida em que esse surrealismo não passou de uma zaragata mais ou menos barulhenta de pseudo-manifestos. Prócere do surrealismo alfacinha-minhoto significará assim — entenda-se definitivamente — conviva de pic-nic ratão com pretensões a sarau tipo «Pupilas do Sr. Reitor», 2.º volume de «Os Maias» e tertúlias órficas.

3) Ainda que o façam a título particular (cartas, telefonemas, bilhetes, suspiros e idênticos) é estúpida, limitada, megalómana, infundada e ulteriormente muito ridícula a acusação de conluio com Luiz Pacheco, pessoa com quem falei cinco vezes bem contadas.

4) Não reconheço na actuação de Pedro Oom nada mais além de uma bastante regular presença em «manifestos» ditos surrealistas e estes mais não foram que cartas muito particulares

a outros tantos «manifestantes» a todos causando grandes e mortais bocejos.

5) Já a uma muito idêntica carta de Mário Cesariny tive o ensejo de responder esclarecendo que será muito útil, por causa da moral e do tempo, um urgente entendimento Cesariny-Oom (agora) — Pacheco e possíveis restantes, para que nos digam depois (a nós que não estivemos presentes — safa, ainda bem!) O QUE SE PASSOU, embora já todos saibamos que se passou muito pouco.

6) Nada de precipitações porque assim como assim ainda talvez passem à crónica futura — alvitre.

7) Reorganizar a pândega dos manifestos, fique-se sabendo, é tardia brincadeira em que embarcará — alvitre.

8) Pela sua carta depreendo que todos os que um dia a eles próprios chamaram surrealistas mais não foram que simples megalómanos abarrotados de convicções reaccionárias — conclusão.

9) Não mais se fala em surrealismo nos jornais de Lisboa — medida higiénica.

10) Agradecia que se escrever novamente seja um pouco mais breve porque as cartas longas são muito maçadoras — pedido.

Morra o Belenenses

At.º e Obgd.º
João Palma-Ferreira

A FIM DE ELUCIDAR AINDA MELHOR ALGUNS PONTOS,
RESOLVEU O AUTOR TERMINAR O ASSUNTO
COM A SEGUNDA EPÍSTOLA:

Lisboa, 17 de Setembro de 1959

Ilustre Sr. Dr. João Palma-Ferreira:

Atendendo ao pedido de V. Ex.^a, expresso no quesito 10 da sua carta, apresso-me a responder à mesma:

1) Embora V. Ex.^a julgue o contrário, aquela sua carta foi para mim de uma amabilidade desvanecedora que muito agradeço.

2) Mais uma vez muito obrigado.

3) Embora não compreenda a pluralização que V. Ex.^a faz, também estou de acordo em que é estúpida, limitada, megalómana e ulteriormente muito ridícula a conjunção Pacheco-Palma-Ferreira. Até porque, sendo só duas pessoas, pode parecer tratar-se de um Grupo numeroso. E, nisto de grupos, V. Ex.^a não vai à bola com qualquer espécie deles.

4) Ainda muito e muito obrigado.

5) Percebe-se que V. Ex.^a tem um secreto desgosto de não ter estado presente. E é pena, porque, neste caso, já V. Ex.^a saberia dizer com mais acerto (nas tertúlias e nos jornais) o que REALMENTE SE PASSOU e que, afinal, é já do domínio público.

6) e 7) Pelos conselhos, alvitres e atenções, sempre e cada vez mais OBRIGADO.

8) Depreende V. Ex.^a muito bem: Procuraremos ser sempre a antítese daquilo que V. Ex.^a é ou procura ser.

9) Querirá V. Ex.^a dizer que vai deixar de escrever nos jornais? Ou, somente, que vai passar a escrever p'rá Província?

— Não faça tal, Sr. Doutor, pois com essa decisão de V. Ex.^a a Capital e o País vão perder imenso — pedido muito insistente.

Termina V. Ex.^a a sua carta com um «Morra o Belenenses» (clube da minha particular simpatia) mostrando assim que, ao cabo, sempre acredita na existência de grupos, senão na província p'lo menos em Lisboa.

Saudações desportivas
Pedro Oom

[Publicado pela 1.^a vez em folheto na «Série Negra» da «Antologia em 1958»; coligido igualmente em A Intervenção Surrealista]

À GERAÇÃO QUE SE SEGUE

Ah, os doutores — Virgílio Martinho

VÃO JÁ PASSADOS cerca de meia dúzia de anos que, na página literária do «Diário de Notícias», o Dr. João Gaspar Simões fez preito de homenagem a André Breton ao concordar com António Maria Lisboa em que a literatura é um triste caminho que pode levar a tudo. Este salto inesperado do Dr. Simões, voando no espaço sem a protecção de uma rede, aparato que mesmo os trapezistas mais calejados não dispensam, provocou em mim enorme comoção. O meu entusiasmo por esta cambalhota do ilustre crítico foi tão sem medida que logo mandei compor no cândido florista um alegre ramalhete de felicitações. Felizmente não tive tempo de o remeter. Logo no número seguinte, da mesma página literária, dei de caras com o Dr. Gaspar Simões rescendendo o mais enjoativo almíscar literário. **Bolas!**

Afinal, António Maria Lisboa é que estava na verdade: «uma Geração que pariu um como o Simões é uma geração que pariu abaixo de zero». Daí, ter começado a compreender que o simples gesto de cumprimentar por engano um cretino qualquer, no Rossio ou no Dafundo, pode ser quanto baste para levar à falência toda uma geração. Compreende-se que esta constatação me deixasse triste. Porém, como o homem é um animal que vive de esperanças, depressa me animei com o exemplo do próprio António Maria Lisboa.

A nossa geração, minha e do Lisboa, ainda não cedeu ao fracasso (pensei). Também, depressa esta ilusão começou a meter água; assim que o dentinho do Dr. José Augusto França, arganaz profissional, entrou de roer na poesia e nos poetas, a ponto de os deixar mais esburacados que queijo gruyère.

Só o aparecimento de um poeta a prefaciá-lo Marquês, embora o prefácio tenha resultado numa coisinha assim assim —

pouca carne e menos peixe —, me deu ânimo para remendar os rombos abertos nas obras vivas da minha esperança. Voltei pois a confiar nos doutores da minha geração. Confiança ilusória, afinal: o Dr. David Mourão-Ferreira, «ensaista, poeta, novelista, dramaturgo», acaba de dar à luz da publicidade um livro de contos, «Os Amantes», e em antegosto de leitura fez o seguinte depoimento no suplemento literário de «A Capital» (29/5/68):

(...) Creio que os leitores do meu precedente livro de prosa narrativa — a colectânea de novelas «Gaiotas em Terra» — terão dificuldade em imediatamente me reconhecer neste volume de contos. E não admira que assim seja: passaram entretanto quase nove anos. Por outro lado, se das novelas procurei quanto possível banir a poesia — por uma questão de disciplina —, nos contos, pelo contrário, deixei agora que livremente ela se expressasse. Aproveitei mesmo, como nunca o tinha feito, determinados «materiais» oníricos: duas das histórias (mas não direi quais são) constituem, em grande parte, a transposição romanesca de dois sonhos que frequentemente me acontecia sonhar, em épocas distintas da minha vida; e todas apresentam, se não erro, a coe-rência do sonhado — a servir de suporte ao caótico do vivido.

Não receasse eu complicar, com termos abstractos, um punhado de contos que na aparência são simples, extremamente concretos, e diria ainda que a dialéctica do real e do imaginário, do verídico e do ficto, da História e da história (ou «estória», como já dizem os brasileiros) talvez seja aliás o «leit-motiv» do conjunto. Isto, é claro, através dos temas do amor que são comuns a todos os trechos... como o título indica. E, a propósito do título, quero aqui manifestar a minha gratidão a Fernando Namora: foi ele quem mo cedeu, num daqueles rasgos em que a sua exemplar camaradagem é tão pródiga, depois de por muito tempo ter pensado utilizá-lo num romance em que trabalha e para o qual, entretanto, elegeu outra designação.

Este depoimento deixou-me amarrotado durante três dias. Que conceito terá da poesia um «poeta» que depois de tentar «banir a poesia» lhe volta a fazer fosquinhas?

Olhe, Sr. Dr. David Mourão-Ferreira: a poesia é uma amante caprichosa; quando se rompe com ela é de vez, ou então prega-nos a partida, o que é muito bem feito.

Quem não se apercebe também do ridículo que é aceitar de presente, e agradecer como bom, um título que, a dez léguas, cheira a romance de cordel! O Dr. Fernando Namora, que diabo, não é muito generoso com os amigos: dar o que não presta não custa a ninguém.

Por tudo isto, pelo que passou nas malhas e pelo que, provavelmente, se seguirá, penso que é de dizer à Geração que se segue:

Façam-nos o enterro depressa!

IRMÃOS EM CRISTO, SR. DR. GASPAR SIMÕES

Ah, os doutores — Virgílio Martinho

TENHO SIDO ACUSADO e chamado de várias maneiras, todas elas feias: paranóico, esquizofrénico, abortativo, doido varrido, delinquente perigoso e sei lá que mais. Deficiente psico-somático (malgrado Dr. Celestino Gomes, um dos do psiquismo maternal). É preciso chamar a polícia e o enfermeiro com o colete de forças (saudoso Dr. Ramos de Almeida). Por vezes lúcido — quando é mister aproveitar-lhe o génio, talento, habilidade, ou lá o que for, sem dar real em troca — mas com ataques periódicos de imbecilidade (sempre vivo Dr. Pedro Veiga, vulgo Petrus, muito cioso dos carcanhóis da viúva e dos que lhe rende a publicação dos manifestos dos outros). Nunca me fizeram mal. Tenho achado graça.

A denúncia feita, há vinte anos, por um amigo das Caldas, de que eu comia dez pratos de sopa às refeições, isto numa época de gerais carências, é que tem vindo a prejudicar-me bastante. Cada vez recebo menos convites para jantar.

Fiz-me pois asceta. Por necessidade não por convicção. Refugiei-me nos saaras do Alentejo e aqui, com a ajuda de Deus e a benevolência do Diabo, vou caçando uns magros gafanhotos, que são o meu pão nosso de cada dia. (Procuro adiar, tanto quanto me for possível, o meu contributo à inflação de almas nos reinos do Céu, já que a das repúblicas da Terra tende a agravar-se cada vez mais). Estava eu no ofício de caçar um saltapedrinhas muito arisco — anda cá meu bonito, não te quero fazer mal — com a manhã já alta e o pequeno almoço em anteprojecto, ora pedia a Deus ora ao Diabo uma praga de gafanhotos ou outros animaizinhos comestíveis, caracóis, lagostas, borregos (artigo nacional por excelência, Dr. Barradas de Oliveira), bifes tenros, ovas de esturjão, salamandras, lampreias (do Minho), pastéis de baca-

lhau, bicos de rouxinóis, etc... eis senão quando dou de ventas num amigo:

— Olha Pedro: o Dr. Simões vem aqui a dizer que te converteste às Ordens. O jornal é do dia dez mas não será uma mentira atrasada do dia um de Abril?

E agitava, excitadíssimo, diante dos meus olhos a página literária do «Diário de Notícias».

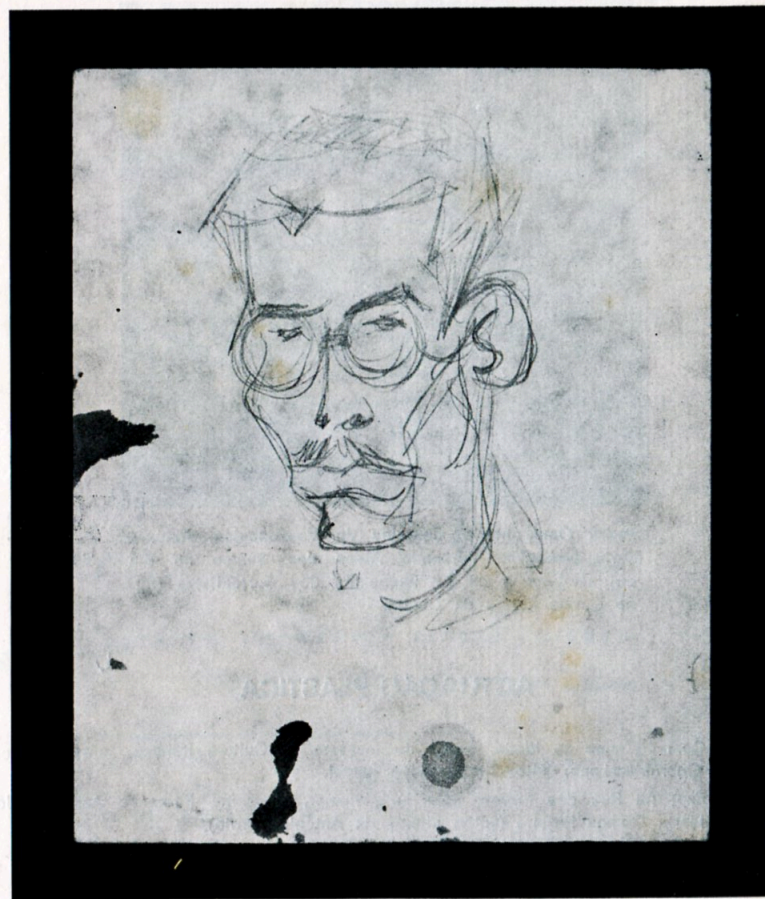
— Não, meu caro. É verdade. O Dr. Simões é uma pessoa que nunca faz afirmações gratuitas. E, se acaso se tivesse enganado, eu apressar-me-ia a não o deixar por mentiroso. É um alto luminar da cultura lusíada. E muito boa pessoa.

Mas fiquei a matutar: como foi que o meu caro Dr. Simões veio a saber de uma coisa que eu não disse a ninguém? Estou muito lisonjeado, sabe. O sr. Doutor, que não perde tempo com qualquer um de cá, foi muito generoso em dedicar-me duas linhas. Estou-lhe muito agradecido mas, que diabo, não valia a pena. Ora essa, eu que não escrevi um livro, não fiz qualquer exposição (individual) e o sr. Doutor a incomodar-se tanto. Até sinto remorsos.

Já agora que somos irmãos em Cristo, confesso-lhe que estou arrependido dos desejos ignóbeis que me agitaram quando o vi a descer o Chiado, logo depois daquela anedota que o sr. Doutor contou, no chorado semanário «O Sol», aquando da polémica que o opôs a Alexandre O'Neill e ao Dr. França. Lembra-se?

Já lá vão vinte anos. Eu estou nos 40. O sr. Doutor nos 60 (ou mais?). A paixão cedeu o lugar à reflexão. Por isso, pode crer no meu arrependimento. Convertido em homem santo fiz voto de jejum.

Agora abomino a carne (rija).



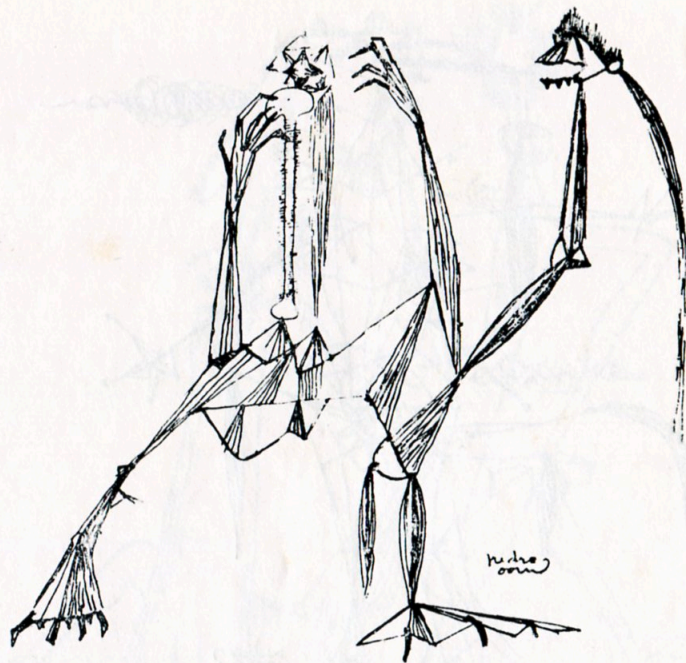
Auto-retrato



Pedro Oom, Mário Cesariny de Vasconcelos, António Maria Lisboa e Fernando Alves dos Santos no dia da inauguração da 1.ª Exposição dos Surrealistas (fot. de Carlos Eurico da Costa).

ACTUAÇÃO PLÁSTICA

- * 1942 — Com 16 anos de idade, expõe no Instituto de Cultura Italiana, juntamente com Querubim Lapa, Júlio Gil e Carlos Rafael.
- * 1943 — Exp. na Rua das Flores, com Júlio Pomar, Vespeira, Fernando Azevedo, José Maria Gomes Pereira (então alunos de António Arroio).
- * 1946 — 1.ª Exp. dos Surrealistas, no salão da Pathé Baby.
- * 1947 — 2.ª Exp. dos Surrealistas, na Bibliófila.
- * 1949 — Exp. icono-bibliográfica de António Maria Lisboa.
- * 1968 — Exp., com Lud, na Galeria Panorama.



RETRATO DE ANTONIO MARIA LISBOA

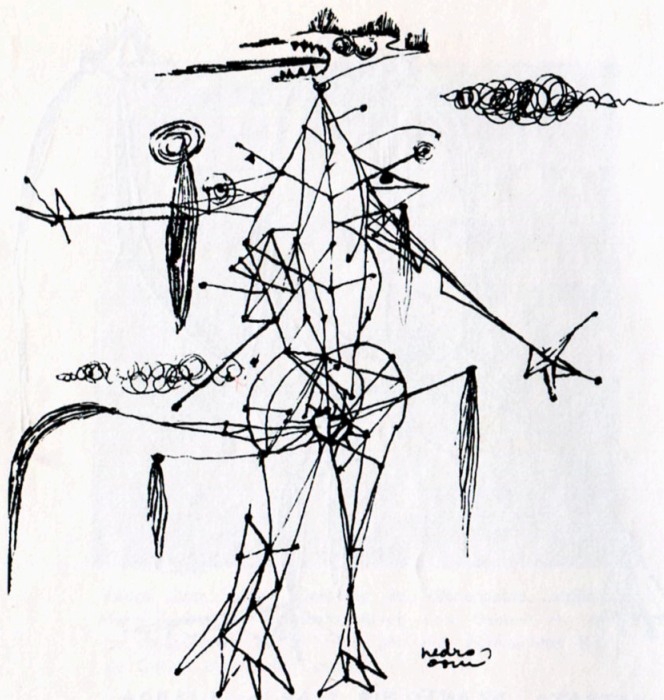
*O caminho libertário do amor
o regresso à infância*

A LIBERDADE TUMULTUOSA
O PÉ MÁGICO

A MAGIA DIAMANTE

O CAVALEIRO DA POESIA

No catálogo da 1.ª Exp. dos Surrealistas



RETRATO DE CESARY (CESARINY DE VASCONCELOS)

a magia artificial do homem

O XOMEM-MÃE

o egoísmo erótico

O EROTISMO MÁGICO

No catálogo da 1.ª Exp. dos Surrealistas



RETRATO DE ARTUR DO GRUSEIRO SEIXAS

O erotismo oculto

a magia dos objectos

*** GARFO AMOROSO ***

No catálogo da 1.ª Exp. dos Surrealistas

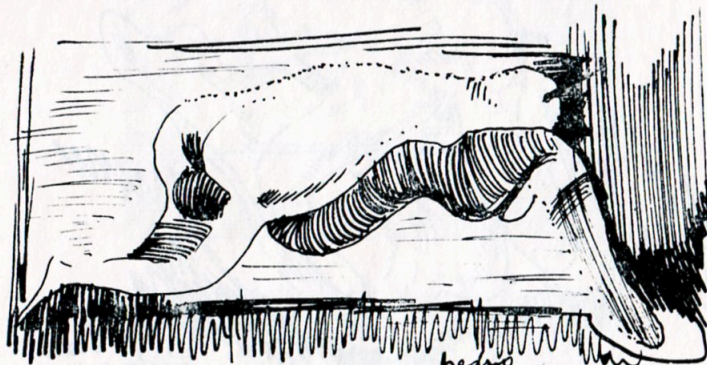


hedro
sora

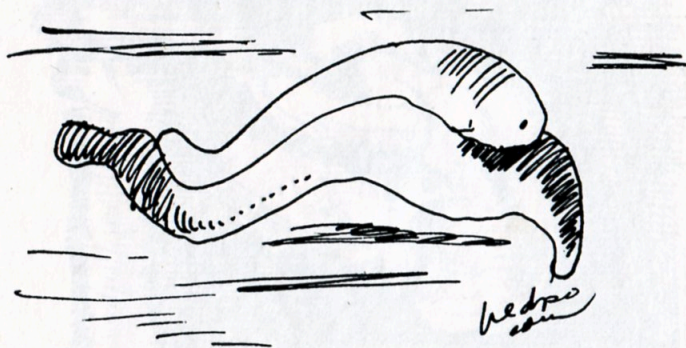


hedro
sora

Desenhos para O PEIXE (pág. 87)

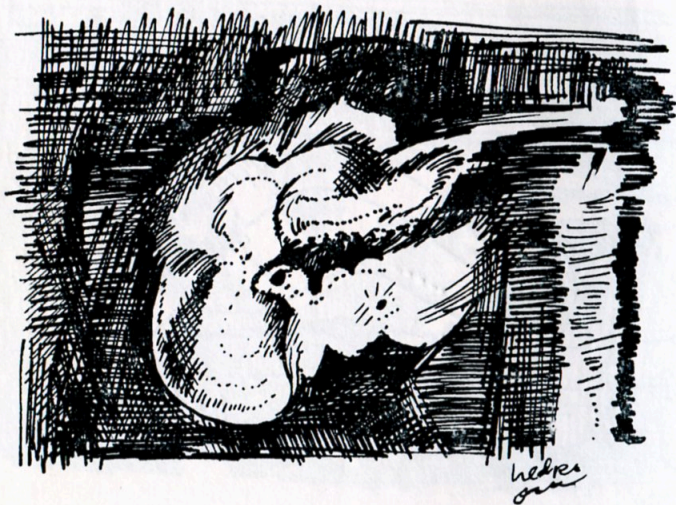
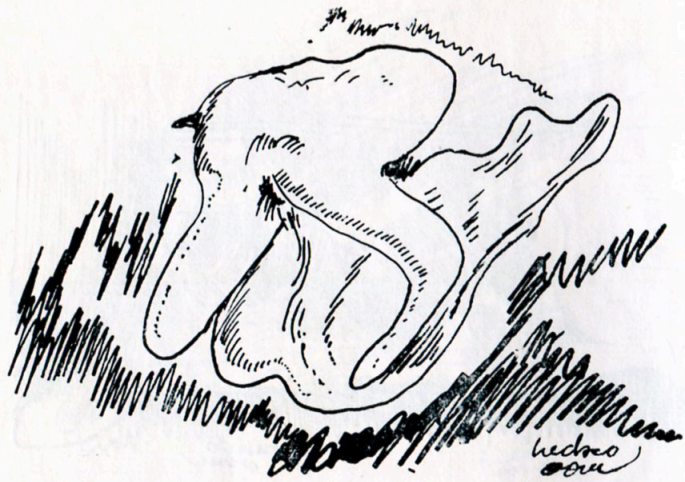


hedro
sora

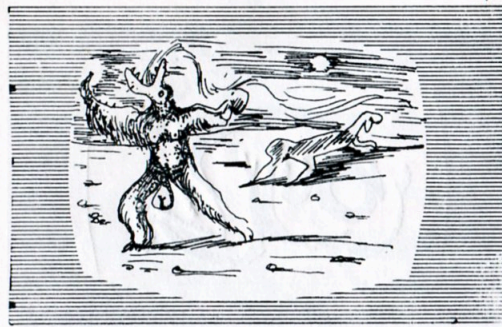
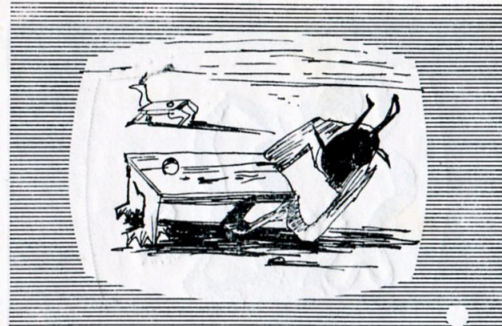
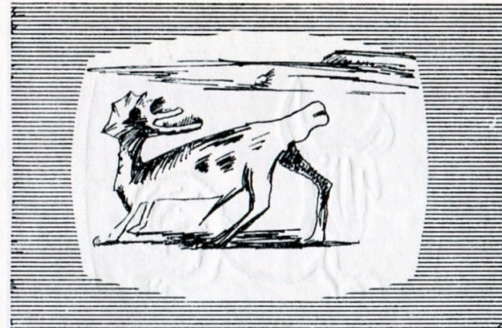


hedro
sora

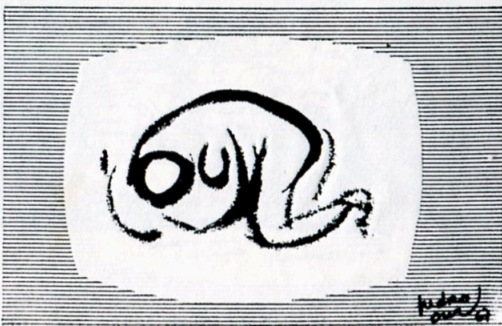
Desenhos para O PEIXE (pág. 87)



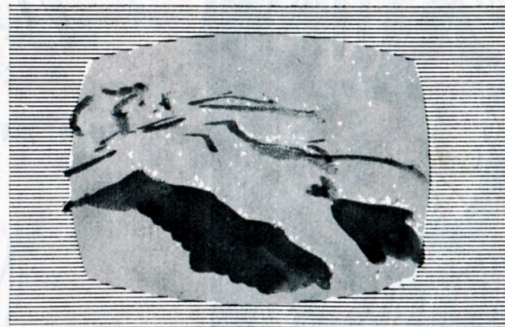
Desenhos para O PEIXE (pág. 87)



Desenho para IDADE SEM RAZÃO (pág. 83)



NCITE



MANHĀ



GREVE
GERAL



UM FRADE A CAVALO



VEM APÊ SALAZAR



OFERECER O
SEU PRÉSTIMO



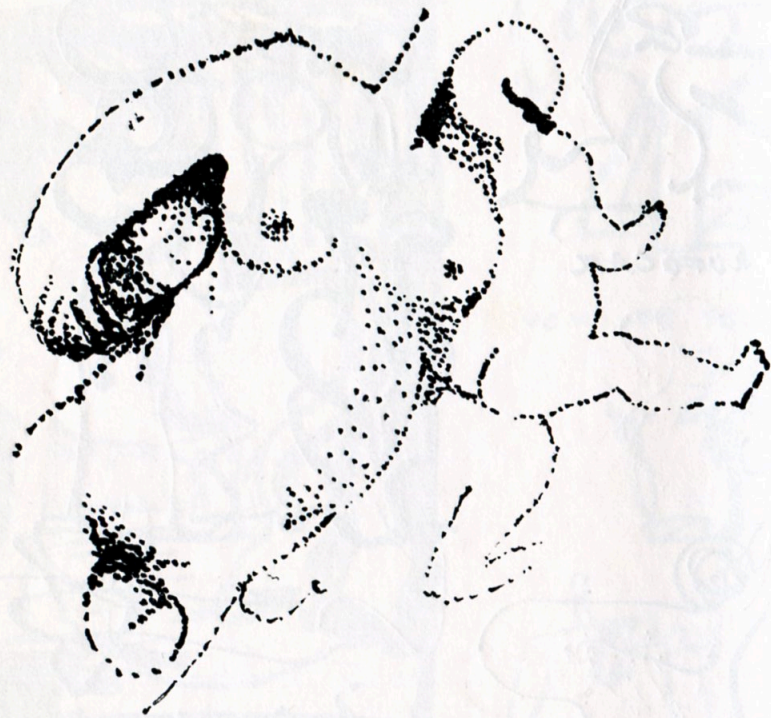
PARA SUFOCAR



O AMOR



À GREVE





A «NOBRE ARTE» SERÁ UM NOVO URBANISMO ?

AMIGO NELSON: depois do nosso ocasional encontro no foyer Luso Soares-Quadrante, o par de vezes em que depois nos topámos mais não deram que para o apressado cumprimento matinal ou vespertino. Para já quero dizer-lhe o seguinte: o convite que me fez naquele uísque-ó-cloc lisonjeou-me sobremaneira; realmente teria tido imenso gosto em acompanhá-lo ali e depois nas colunas do «& etc», mas, como sabe, pisguei-me antes do palavrório. E aqui está o busilis: a desculpa que apresentei foi tonta, estúpida, parva; a falta de «massa» para comprar o fólio «honestamente».

E agora a coisa dói, dói mesmo. Embora me custe, tenho de confessar: sou um cagarolas, um cobarde, um medricas. Não será sempre nem em todas as circunstâncias, mas confesso que a perspectiva de ter de contra-dialectar o Urbano foi superior às minhas forças. Como o uísque (bom ou mau) sempre me desata a língua, imaginei-me logo a terçar armas; argumentos e literatura, dialéctica e estrutura, factos e sugestões, chorrilhos e piropos, considerações, desconsiderações, promessas, pretextos, recuos, aproximações, afinidades, plumas e sorrisos, gaivotas azuis, os quides poéticos, e mais... Cavei, está visto.

(Pois meu amigo, meteu-se com boa rês: o Urbano é terrível, digo-lho eu. Só de pensar em qualquer leve frique-frique que, por desventura, venha a ter com ele encho-me de suores, arrepios, palpitações. No entanto, eu admiro imenso o Urbano como escritor, grande escritor sem contestação: a segunda geração neo-realista não tem outro que se lhe compare. É que não tem mesmo! — o Zé Cardoso Pires está entre a primeira e a segunda.)

Quanto às considerações que o Nelson teceu sobre as soirées da Quadrante há duas que não me calham: primo é suma indelicadeza dizer mal de qualquer uísque, aceite ou recusado, seja ele

de Sacavém ou não; segundo é ainda pior sugerir-se que de todas as belas mulheres presentes algumas não o eram tanto. Bolas! Neste segundo ponto não estou mesmo nada de acordo.

Pois passo a dizer-lhe: se me remeterem os respectivos «convites» — desde que o Urbano só lá apareça em metáfora — procurarei jamais faltar àqueles encontros vespertinos, não pelos escritores, é claro, mas pela excitante comichão de se beber uísque (quando há) na edulcorante companhia das magníficas mulheres (todas) que, com charme e colónias, dão colorido e fragância às sessões da Quadrante.

Outro ponto ainda, e este tem muito a ver com a sua actividade de crítico literário: por acaso já notou que, na classificação dos últimos movimentos literários portugueses, a designação «2.ª geração neo-realista», representada pelo Urbano com brilhantismo, não cabe muito bem na dialéctica, na estrutura, na história ou na rotulagem (literária). Embora não saiba se gosta (e usa) aquela designação, desde já lhe proponho outra: «urbanismo» — de Urbano. Quero dizer: se «2.ª neo-realista» é, sem favor, Urbano inteiro (embora o David vá toc-toc, na peugada), muito e muito mais ubuesca que a 1.ª — no verdadeiro jarryniano sentido de ubuesco — porque não «urbanismo»?

Por outro lado, sendo que o Urbano é lídimo representante de uma nova atitude — muito recente mas que já conquistou adeptos — perante a literatura e a vida, posição em que a «nobre arte» a punhos nus, com boxers ou mitenes, é a suprema expressão do escritor e intelectual progressista, porque não, portanto, em nome de um digno esforço de catalogação crítica, passar a designar-se este novo movimento por «neo-urbanismo»?

E por aqui me fico, meu amigo, que já me borrei demais.

[Inédito]

NA EXPOSIÇÃO DE CRUZEIRO SEIXAS

AUNS E OUTROS, começo por dizer que deveis estar tão longe do verdadeiro significado da mensagem, desta extraordinária mensagem que contém a obra de Cruzeiro Seixas, como eu próprio o estava antes desta exposição.

Não é que a «mostra» que tendes diante dos olhos seja em si própria claramente reveladora. Há que juntar-lhe também o modo como Cruzeiro Seixas promove o assassinato do altar quotidiano onde padream o povo e o «homem da rua», e ver a maneira calma, o gesto seguro com que ele recreia os Infernos. 25 anos de grande amizade e profícuo companheirismo nos unem a Cruzeiro Seixas, 20 dos quais na senda magnífica do Surrealismo.

Pois apesar de tão longa camaradagem, foi só agora que descobri todo o fulgor radioactivo que dimana da figura e da obra ímpar de Cruzeiro Seixas.

Para além de manter muito viva a flama da Liberdade e do Amor sob a espessa, adversa, opressiva camada de escórias que nos cerceia, ele transcende os caminhos habituais do Surrealismo e desvenda-nos agora a via larga do caminho subterrâneo em cujas clareiras é possível amar em liberdade.

Para mim, esta revelação foi tão forte que logo me catapultou na nova dimensão; fusão integral dos 2 termos da ordem:

Amar a Liberdade
e
Libertar o Amor

numa só consigna, nova proposta do Surrealismo e da Poesia:

AMAR EM LIBERDADE

2/12/1967

[Texto do catálogo]

CARTA A UM CRÍTICO QUE PRINCIPIA (BEM)

Meu caro Rocha de Sousa:

Nunca estive nos meus apetites, como o meu amigo sabe — dentro de e na informação suponho-o bem informado — responder às críticas que me fazem. E nem só críticas, meu caro.

A excepção que abro agora em seu favor — passe o termo — é fruto exacto e necessário da mais elementar justiça que lhe cabe. Não é favor, realmente, fazer vénia, que a merece, à crítica por isso mesmo excepcional que lhe aconteceu, nestas páginas, dedicar-me e a Lud, meu companheiro de regabofe pelos arrabaldes da pintura. (Só quem ande muito distraído de pessoas e coisas e do lugar que as mesmas ocupam, aqui e agora, pensará tratar-se de uma crítica menos elogiosa para as nossas pessoas, minha e dele.)

Tenho, no entanto, alguns reparos a fazer. Se bem que o meu jovem amigo também seja autor e crítico que «principia e se principia», como disse do meu companheiro, longe portanto das cátedras ratonas, ou mesmo do simples bacharelato, já se vai revelando formal e laborioso candidato ao capelo, o que, certamente, lhe trará as maiores vantagens num futuro que se antevê próximo.

O tempo que gastou comigo e com os de mais de 40 (canelão à esquerda, desbarretada à direita, lambe na Longra três extensas páginas com entrevistas e tudo — aqui é que é bom consumir — cospe em S. Mamede — «a ouro e preto» faz mal ao fígado — de pijama é que se é poeta mas nunca em casa dejectando nas gavetas) melhor lhe teria ido, não tanto desnecessariamente lacónico, com o que «principia e se principia» na sua própria geração. Este realmente jovem, mas já tão distante no querer e no sentir — cor e o resto — da realmente técnica mas sensa-

borona pintura que o meu amigo vai botando por aí, onde e quando lhe calha, em deslustre da excelência da sua pena crítica — esta sim, que dá prazer consumir. (Abro aqui um parêntesis que, parecendo não ter nada a ver com a pintura e a crítica, tem tudo a ver com elas. Falo de uma cidadania responsável que aponta a demissão moral e intelectual, não de uma geração em que tudo o que é bom e digno de ser vivido tem curso subterrâneo mas dos que se julgam seus legítimos representantes, nos tribunais da imprensa e outros, agarrados aos detritos do passado e às velharias do presente, alienados de corpo e espírito, sem grandeza e sem generosidade.)

No que se me refere directamente pouco tenho a dizer. «UM REGRESSO de Pedro Oom à proposição pública no domínio da pintura, seja ela na Galeria Panorama ou em Freixo de Espada à Cinta, conta-se como acontecimento e indaga-se em que condições». Esta linda flor da retórica discursiva, que o leitor comum do «Diário de Lisboa» tomará de certo por gratuidade inofensiva, pretende na realidade atingir forte e feio. Que diabo, meu amigo, eu não lhe merecia este remoque. Acho-o mesmo profundamente injusto. Não só não tenho culpa de não gostar de expor onde o meu amigo se compraz como, do facto, só lhe adveio benefício. Onde eu já disse não tem agora o meu amigo lugar aberto, mesmo em Freixo de Espada à Cinta. Penso que devia estar-me agradecido, embora não no estilo da Longra, evidentemente.

Quanto ao erotismo que desenterro, o meu amigo também não percebeu nada: é precisamente a denúncia dele, erotismo sui generis que, valentemente consumido em banda desenhada e em revista made in U.S.A., muito boa gente tem vindo a embandeirar em arco depois de 49, mas que eu acredito estar aqui de passagem.

O como e o onde são realmente importantes. O para quê já me parece menos. Ele é o bluf do poquer em que andamos todos empenhados, regra para esfolar incautos, que se acredita ou não consoante a conveniência do decorrer do jogo. O como é que é

sempre importante. É o estilo e este é que define, aponta, significa. Por isso, não compreendo que o meu amigo, com o talento que inegavelmente possui, possa recusar deliberadamente um estilo e apresentar-se de libré nas antecâmaras da crítica, de pá e pica-reta nos ateliers do ofício, de barrete na mão à porta dos salões oficiais do consumo e de chapéu de coco nos corredores docentes.

«E os jogos marginais das simetrias ou das aplicações matemáticas de tipo escolar, aqui igualmente se contradizem e se insignificam». Está-se mesmo a ver: não gostou do título do quadro «12 lições programadas de um crítico extra-programa». Não era consigo. Era com o outro, o que diz que os artistas-críticos não podem ver meditando desinteressadamente. Mas está bem. Tem todo o seu direito. Porém, se com aquela objurgatória quer significar que os materiais escolares não servem para fazer arte, é muito estranho que seja um professor da Escola Superior de Belas-Artes a dizê-lo. Aconselho-o por isso a vitaminar com urgência o seu instrumento de posta docente que aqui, como se vê, está muito fraquinho, parece manteiga.

Por outro lado, a crítica nas tribunas periódicas exige maturidade intelectual e não se compadece com algumas verduras de casaca e chapéu alto. Para crítico o meu amigo está muito jovem e para jovem já é muito crítico.

Lisboa, 9 de Junho de 1969

[Inédito porque impedida a publ. no «Diário de Lisboa»]

PARA A EXPOSIÇÃO DE LUD

«LUD, tão diferente no sentir, cor e o resto». Isto escrevi eu (1969), e foi só o que se me ofereceu dizer do meu «companheiro de regabofe pelos arrabaldes da pintura», aquando da nossa exposição, minha e dele, em carta à escolástica tecnocrática de um jovem crítico, hoje algo conceituado, que, à data, se principiava (mal).

Agora (1973), é ainda a abissal maneira de correr o risco — na arte e não só — que melhor informa o desenho e a pintura de Lud, com a necessária transposição para o modo de ser, estar no tempo e no espaço (nossos), e concomitante inter-relação, a qual só atinge o seu optimas, a plena comunicabilidade, tendo por veículo uma «técnica» que lhe seja própria ou, dizendo melhor — como se deve dizer de Lud —, por uma específica falta de técnica, magnífico exarcebar-despojar de todos os sentidos em que cada órgão é, simultaneamente, receptor-emissor.

A pintura de Lud é afirmativa; impõe o seu GRITO PRÓPRIO.

Out. 1973

[Texto para o catálogo]

O HOMEM BISADO

Alegra-me ser todas as coisas e as sombras que elas projectam
 ser a sombra dos teus seios e da tua boca
 o criado de smoking branco que te agita os cabelos
 para um cocktail estimulante e fresco
 a mesa onde passo a ferro o teu corpo
 as espáduas as coxas a curva macia dos joelhos
 alegra-me ser o contorno da tua nuca e o binário motor dos teus
 braços

embora mais pequeno do que um corpúsculo celeste
 sou os milhões de astros microorganismos estrelas
 a rota de todos os navios perdidos
 a angústia síntese de todos os suicidas
 a forma de todos os animais conhecidos
 o desenho rigoroso de toda a flora existente

Ontem em Paris hoje em Lisboa amanhã em Júpiter
 caminho para a resolução de todos os problemas
 sem a certeza de resolver qualquer deles
 como se fosse uma máquina de somar parcelas
 quatro vezes quatro oito vezes dez oitenta
 sabe-me a vida ao que É
 esta progressão assustadora de crocodilos bebendo limonada
 Ontem fui a prostituta a quem paguei a noite
 hoje serei talvez o inocente violentador frustrado
 Sutmil é a cidade para onde me evado todas as noites à aventura
 e «os anéis de Saturno são a força centrífuga-centríptica que me
 agita os braços no espasmo amoroso»
 a cabeça em Marte os pés na Terra
 vindo «lá do fundo do horizonte lívido»

O comboio está na gare o comboio vai partir
 apressemos o passo o momento é solene
 somos o automóvel que sobe a avenida
 a pulsação acelerada dos maquinismos
 taxímetro de uma cidade de província
 satélites de um satélite lunar
 Tu és o aeroporto eu o avião que parte
 e muito mais calmos entre éter e fogo
 percorremos os sonhos de planeta em planeta desfolhando o
 futuro a flor sempre rara
 e marcamos nos astros o nosso roteiro DEZ QUILÓMETROS
 amanhã tirarei o curso de sonhador especializado

POEMA

Tua boca
é um dia estreito
cheio de moscas

De noite
tem a cor azul-verde
dum veneno
como o mar.

1962

[Inédito]

POEMA

Sinto a tua ativa elegância
como um ângulo recto

Que queres
falta-me a força pra torcer-te o ar

[Public. no «Jornal de Letras e Artes», em Janeiro de 1962]

REGISTO DE PROPRIEDADE

O CANDEEIRO serve a muita gente para ser colocado nas mais diversas posições. Para conservá-lo limpo deve ser esfregado com um pano embebido em gasolina e deitar-se-lhe fogo. Desta combustão renasce a fénix.

O divã é um animal quadrúpede que habita os pampas argentinos.

Em virtude da sua grande ferocidade vive isolado não tendo fêmea nem filhos.

O copo é um frasco lapidar. Move-se sobre quatro rodas e quando está bem disposto canta o «Bolero» de Ravel.

O gajo foi inventado há muitos séculos na China. Os fenícios trouxeram-no para a Europa embrulhado em cobertores.

A girafa serve dos 30 aos 40 anos. Depois dessa idade poucas donas de casa ainda recorrem a ela.

A árvore é de todos os seres o mais inteligente. Nos dias feriados podemos vê-la, com o seu ar satisfeito, passeando nas alamedas e cortejando viúvas e donzelas. Tem a paciência de um matemático. A árvore nasceu autodidacta.

[Public. no «Jornal de Letras e Artes», em Dezembro de 1967]

EXCESSIVAMENTE ASSIM ASSIM

as mulheres
vivem
num oceano
de percepção
palpável

onde

a mera posse
que espreita
por cima
das cabeças
retarda (um pouco)
a marcha
sempre
que o preço
de encher
o copo
chega
à fala

no entanto

a civilização
teocrática
já
catalogou
sessenta e tantas
maneiras
correctas
de superar

o sexo
(2 centímetros)

isso

não significa
o corte
da imagem
no espelho

tão-pouco

o estilo
espanhol
calça
colada
ao pénis

mas

a relativa pequenez
dos movimentos
partindo
de baixo para cima
ou
a inversa
partindo
da boca
para a face
interna
da virilha
bruscamente
ao longo
do corpo

em vez
de enveredar
pelo rocóco
de luxo
até
à súbita
despelagem
do crânio

é óbvio
que este processo
acabará
por abrir
caminho
entre
o equilíbrio
aristotélico
e os estremecimentos
da excitação
socrática

todavia

a actividade frenética
entre as rugas
da perplexidade
e o desejo
venal
de exhibir
a mão direita
hermeticamente
fechada
segundo
o código

denominado
«ESCARRO»

enquanto
o avanço
é mínimo
será (sempre)
de êxito
duvidoso

por outro lado

parece
aconselhável
não fazer
referências
muito claras
ao estruturalismo
e teorias
similares
enquanto
não findar
o acto (terceiro)

porque

vivendo
as mulheres
num oceano
de percepção
palpável
o matriarcado
é o único
sistema (infallível)
de estabelecer

a desigualdade
natural
entre os homens

(o valor de cada homem
será medido pela força e tamanho
das convicções próprias)

P O E M A

POESIA NÃO É UMA MEDALHA PARA PÔR NO PEITO DOS TIRANOS MAS UMA IMENSA SOLIDÃO FEITA DE PEDRAS, ONDE O DESPOTISMO PODE ENCOMENDAR O ATAÚDE. CADA UM DE NÓS ODEIA O QUE AMA. POR ISSO O POETA NÃO AMA A POESIA QUE É SÓ DESESPERO E SOLIDÃO MAS ACALENTA AO PEITO AS FORMIGAS DA REVOLTA E DA REBELDIA, QUE TODOS OS DÉSPOTAS QUEREM SUBMISSAS E PRO-CRIADORAS. SÓ OS VOLUNTÁRIOS DA MISÉRIA E DA SUBMISSÃO PATRIARCAL QUEREM A POESIA NA ARCA DA ALIANÇA COM A TRADIÇÃO PACÓVIA E REGIONALISTA DOS PRÉTERITOS DIAS, GLÓRIAS PATRIOTEIRAS, HEROICIDADES FRUSTES, PIRATARIA IGNARA. TODO O VERDADEIRO POETA DESPREZA O PEQUENO MONTE DE ESTERCO ONDE O DEJECTARAM NO PLANETA E A QUE OS OUTROS CHAMAM PÁTRIA, E SÓ AMA OS GRANDES CONTINENTES, MARES E OCEANOS DA LIBERDADE E DO AMOR. SÓ NOS VASTOS ESPAÇOS IN-CRIADOS A POESIA SERVE O SEU DESTINO — CATAPULTAR O HOMEM NOS ABISMOS DO DESEJO INCONTROLADO ONDE O PRÓPRIO ASSASSINATO É UM ACTO DE POESIA E DE AMOR. ESTE ASSASSINATO DE QUE FALO É O GRANDE AMPLEXO DE HOMEM PARA HOMEM, A SOLIDARIEDADE E A TERNURA, NÃO A CARIDADE HIPÓCRITA OU A CAMA DE FAMÍLIA, COM TODO O SEU PEQUENO CORTEJO DE HORRORES, ONDE A EXPLORAÇÃO DO FILHO PELO PAI DITA A SUA LEI.

1968-1969

Este poema serve de suporte a um desenho colorido integrado na colecção de Ricarte-Dácio. Reproduzido em «Grifo», antologia de inéditos organizada e editada pelos autores, Lisboa, Abril de 1970. (N.A.)

O HOMEM REDUZIDO

A NOSSA forma de vida é já muito diferente, tanto no aspecto de vocabular o sexo como no de sexualizar a língua. Esta diferenciação, como é evidente, é ainda uma curiosidade redutível a termos de influência que envolvem naturalmente leituras pornográficas nas grandes assembleias de voto, a vida dos Santos execrada na praça pública e a expansão do livro português (enlatado).

Dever-se-á partir o público consumidor em duas fases distintas: a dos que engolem o sexo em hóstias; a dos que o fazem bebendo o ar que lhes é próprio no cimo dos mais altos montes. O elo de ligação ou escroto tem sido suficiente para impor um paralelismo de caminhos. A partir daí, a realidade económica e social, nos moldes da que nos é dado ver, não está interessada no levantamento das barreiras alfandegárias. Para actividades como mesas-redondas, entrevistas na imprensa falada e escrita, já se pode discutir na medida em que a vida tipicamente urbana apenas aflora uma pequena parte da glande ou, quando muito, as pequenas desonestidades profissionais. Uma vida muito mais dentro de casa pode levar a problemas de comunicação, perda do sentido da oralidade e à manutenção da sociedade em forma de figo. A tendência actual é o único veículo em que as camadas populares podem dejectar a excessiva estilização dos usos e costumes. Por motivos óbvios, não são acessíveis ao grande público, interessado no problema, as fontes desactualizadas onde goteja o «pátrio mijo» (isto é muito importante). Por outro lado, ajudaria imenso atender à procura, cada vez mais urgente, das relações pessoais entre as mesas de cozinha e o vulto obrigatório dos textos seleccionados para mastigação em voz alta nos jardins de infância. É evidente que a dinâmica para atingir este fim se encontra na confluência dos estilos e formas de dejectar. A pouca pesquisa no campo da técnica longe de ser um processo de de-

núncia, é, pelo contrário, uma influência sem significado audível.

Os acontecimentos decorrem sempre num ritmo acelerado. A crise francesa está, neste momento, de cabeça para baixo e nos restantes países entende-se este gesto optimista como indício de que a castidade é uma forma deletéria de subverter o desejo. Um programa de política externa, epidermicamente bem adaptado às consignas republicanas, sejam elas de características machas, andróginas, ou tenham na base a limitação dos armamentos de que a propaganda matriarcal se faz eco (nas tertúlias), terá de atender à vontade de fazer concessões mútuas antes de fazer a cama. Falar gravemente de coisas que não são para rir (dizem) constituirá, na próxima semana, motivo de encontros e curtas entrevistas em que a planificação da família ficará decerto muito comprometida — pretexto para embandeirar em arco a invasão cosaca. As atenções ficarão muito dispersas e, em Agosto, as convenções puritanas abanar-se-ão furiosamente por dentro e por fora.

Há porém certas tendências, devidamente agrupadas por tipos e categorias, que podem ser vendidas a preço mais elevado do que o câmbio oficial. Repare-se que é fácil enviar à distância, por carta ou telex, meio quilo de vitela mas que o mesmo não é possível fazer com um só grama de excitação socrática. A criação artística e literária não é, como alguns querem e outros subentendem, um processo de comunicação requintada mas somente um meio de transporte muito rudimentar. Como em todas as mercadorias sujeitas a rápida deterioração, e especialmente nestas, a embalagem é fundamental. A técnica de conservação pelo frio, em grandes câmaras frigoríficas, veio contribuir grandemente para o incremento extraordinário do estruturalismo e, a par disso, o uso de contentores genésicos e preservativos políticos, em profundidade e extensão, também ajudaram a intervenção inflacionista a escoicinhar com gana. Será pois ocioso repisar a necessidade de desenvolver correctamente o modo de expelir — a que temos o hábito, impróprio, de chamar amor. Para lá das fronteiras,

acontece que esta necessidade, ainda mal definida, em grau sempre crescente tende a extravazar o sabor ácido dos recalcamientos adolescentes numa preclara consciência de classe turística.

O futuro do Homem, encabuladamente político ou politicamente literário, está para trás do Homem, isto é, é já o passado. E todos os sucessos, aparentemente remotos, terão inescapável impacto e revivescência certa à mesma distância no futuro: «nasci com oitenta anos» é uma maneira tão correcta de dizer como «nasci há oitenta anos».

Esta meia dúzia de exemplos chegará para justificar o esforço da formação de capital fixo no campo das consciências, ditas de elite, necessitadas de investimentos a curto, médio e longo prazo. Isto significa que, pelo menos a curto prazo, a indispensável revitalização do vocabulário de choque terá de assentar maioritariamente no palavão chulo do que no rendilhado palavroso dos incansáveis escaladores de «nóbeis literários».

«Os tempos mudaram, contudo há ainda uma réstia de esperança», dizem os periódicos. Dai aos jovens a oportunidade de matar os pais, pois que eles precisam de encontrar outra forma de agir que não seja a de tonsurar as barbas de Sigmund Freud todos os dias.

ATÉ melhores informações, fica para os diplomatas a tarefa de descobrir a resposta que se deve dar à possibilidade de uma vida negociada em contraste com a predominância dos desejos arrebatados. Nos debates já acontecidos, em horas de febre e gozo ancestral, ainda não saíram projectos precisos. Como se vai responder ao desejo de comunicar?

Num deserto onde os jovens querem mudar de horizonte as próprias fronteiras que os separam tornam-se grandes vias de acesso, mas os mais dinâmicos de entre eles não se contentarão

em afagar o gato siamês da vizinha, reflexo bem pálido do seu pensamento.

Não é do interesse de ninguém que uma larga gama de homilias se sobreponha à tomada da Bastilha; tão-pouco que o gosto texano por armas de fogo sobreviva na sua forma presente. Em oposição a este aspecto da resistência passiva, existem significativos exemplos de actividades procriadoras em que, paradoxalmente, se destrói a própria vida entre fintas e dribles. Seja como for, não se deve esquecer que, não obstante os estudos históricos e ensaios recentes, declarados aristotelicamente plenos de veracidade incontroversa, é ainda muito vivo o conflito entre o código teocrático de chutar à baliza e o empirismo libertário do futebol moderno. Postas as coisas neste pé, temos sérias dúvidas que qualquer tribunal (competente), em qualquer parte do mundo onde fosse posta a questão, desse como bom, natural e justo, que os poetas-prodígio, na mais tenra idade, descaminhem em máquinas de escrever o dinheiro que lhes dão para rebuçados. Por isso jamais lerei levtuchenko.

O LIXO literário modifica o clima das cidades, consequência imprevista na tendência para o gigantismo das urbes modernas. As principais perturbações atmosféricas verificam-se no ar rarefeito da poesia concretista, na pluviosidade torrencial do mecenato pictórico, na cerração intensa do ensaísmo estrutural, no desvio dos ventos dominantes do experimentalismo teatral e novelístico. Fazer o elogio do hand-ball não está mal: nisto estou com o Sr. França; já é tempo de pôr a mão onde em regra só se mete o pé — defender o contrário é extemporâneo, quanto a mim.

Nos círculos liberais, remetidos a um bucolismo de bom-tom, é de presumir que a extensa alteração das condições climatéricas tenha passado despercebida. (Porque será que as coisas se passam assim?) A atmosfera da cidade favrecede a chuva e a queda

de neve. No entanto, a primeira série de «A Capital» constituiu um esplêndido escol de cidadãos voluntários nos trabalhos de remoção dos lixos da cidade. O País aguarda agora o pormenorizado relatório dos trabalhos e que as linhas de acção nele implícitas se ponham em prática quanto antes. Acontece que os ventos locais, lugares-comuns contra o progresso, resultam das diferenças muito acentuadas de temperatura entre uma realidade visceral e outra epidérmica, o que certamente não facilita o trabalho de concluir com acerto.

O êxodo dos campos para a cidade arrasta sempre consigo imensas legiões de moscas em estado de incultura cívica que, enquanto se não adaptam às condições de domesticidade, constituem verdadeiro flagelo conspurcador dos cartazes de propaganda eleitoral: retratos de almirantes, generais e ditadores (benévolos). Por isso, todos os serviços públicos deviam possuir um corpo de funcionários destinado a promover com rapidez a domesticidade (aliciatória) dos indígenas em estado primevo, a fim de se poder organizar condignamente os festejos de recepção à chegada do navegador genovês às Caraíbas. Um conjunto de incentivos financeiros foi já oferecido por alguns cidadãos em destaque nas indústrias cervejeiras e da cultura em rama, visando ampliar o reforço do capital fogueteiro em circulação.

Note-se: os diários íntimos de Cristóvão Colombo são de uma grande reserva quanto à localização da América, o que tem levado alguns historiadores a pôr em dúvida a excelência dos conhecimentos náuticos do «Grande Almirante dos Oceanos e Governador-Geral Perpétuo das Ilhas e da Terra Firme». A maioria aventa mesmo a hipótese (fantástica?) da redescoberta do continente americano, para o que preparam afanosamente grandes girândolas de foguetes, arraiais e recitativos de poesia létrica. Esta esperança assenta na descoberta de um documento franciscano, pacientemente restaurado por alguns eruditos bolseiros das fundações Gulbenkian e Penteado, que se supõe o descritivo mais antigo e fiel daquelas plagas nevoentas.

Note-se também que, tanto como na literatura moderna, os documentos que datam das Descobertas se encontram inquinados do vício do simbolismo e da metáfora, pelo que se fica na dúvida se a expressão «comer criancinhas», muito frequente nos cronistas da época, é efectivamente empregada no sentido literal. Eu estou em crer que não: só no limiar da Nova Idade Média, dita da Razão, o culto de Lucifer encontrou verdadeiramente o seu rosto.

O MÉTODO de Ogino-Knauss foi, sem dúvida, o ponto de partida para a introdução sistemática, no seio das famílias, de gravuras, quadros célebres e fotografias duvidosas, receptor de televisão e gira-discos, máquinas de filmar e aparelhos de projecção. As constantes necessidades de informação, inquéritos e estatísticas, só têm vindo a reforçar o pessimismo da população emigrante. Talvez esse facto influa para que a prevista queda da natalidade se não dê com a rapidez apontada pelos programadores. De certo modo, constituirá um aviso de que as consequências do aumento demográfico não favorecem a calma contemplação dos quadros de Renoir.

Os efectivos militares do pacto de Varsóvia se, por um lado, fazem lembrar a «raparigada com alcachofra» de Pablo Ruiz Picasso (e não o contrário), por outro lado apagam da memória as «meninas de Avinhão», do mesmo Pintor, o que parece ser excelente do ponto de vista da moral canónica. Ora, um dos mais graves problemas dos países subdesenvolvidos é a concentração das exportações num pequeno número de arrotos, o que coloca a balança comercial à mercê das flutuações do hálito dos que já passaram os oitenta. Nisso, porém, reside a extraordinária importância estética e sociológica que nos permite antever a possibilidade de uma vida mais longa. Esta possibilidade, no entanto, envolve um risco muito grave: o da reabertura do «dossier racista».

Um outro factor, a televisão a cores e a preto e branco, deverá influenciar bastante as doenças da pele. Trabalhando no estudo das deficiências dos últimos «best-sellers», os dermatologistas verificaram a existência de infecções venais na mão direita dos escritores famosos com mais de 40 anos. (Entre parêntesis as últimas reposições: POR FAVOR NÃO COMAM OS MALMEQUERES; VIDA E OBRA DE MÁRIO CESARINY (FRAGMENTO); CRISTÃOS E MARQUEDESADISTAS.) Por isso não nos admiramos de que só os escritores mais novos possam fazer perguntas como esta: «onde vou eu esconder a minha Força?» (Eurico Gonçalves). Ou afirmações assim: «Não me vale de NADA APAIXONAR-ME POR um BURACO» (o mesmo).

Ora, também me quer parecer que dizer SACANA não é o mesmo que dizer BOM DIA.

O SONHO, a liberdade, o amor, também se desvalorizam como o dinheiro. A poesia que se faz na cama é ainda um acto de submissão, não é poesia, é um acto anti-poético por excelência, porque a poesia não se faz com amor mas com raiva e solidão. («A POESIA NÃO SERVE A NECESSIDADE. É»).

Perdidas as esperanças, logo depois de 45, de uma «real cidadania para todos», por obra e graça da pouca movimentação dialéctica no cerne dos problemas mundiais, voltaram-se as atenções para o fulcro renovador da chamada guerra fria (o amor na cama? ou o amor no espaço?), situação esta que se vai repetindo ciclicamente.

Neste contexto incluem-se os discursos comemorativos da proclamação da República e as breves análises da caligrafia chinesa. O apelo desesperado de Lawrence ainda não deixou de surpreender o mundo: «todo o martírio é uma serpente de Laconte para esmagar a família humana». A triste verdade é que se sente o desejo de mudar de estilo: passar a um tipo de carro mais

elegante, mais seguro, mais económico. E, claro, a uma certeza mais viva a prazo mais curto. Se aqueles que falam do «bambúrio» da que foi a alegre revolução surrealista, acantonada no rosário das esperanças, soubessem a «estragação» que ela fez por dentro, far-lhe-iam a justiça que lhe deve a cidade. O caso é até bastante surpreendente na medida em que, de uma forma geral, neste género de espectáculo da vida, se costuma operar automaticamente uma deslocação do interesse da retórica discursiva para maneiras mais palpáveis de sentir e actuar. A juventude vê-se pois confinada a representar um papel de figurante (mediocre) numa peça hedionda, em moldes policiais e com uma forte dose de Freud mal assimilado. No entanto, há em teatro surpresas a ter em conta. Cremos que se vão dissipando os efeitos do impacto provocado pelo aparecimento, em cena, de um grupo de jovens do sexo feminino que, em defesa da total sinceridade de sentimentos, vieram mostrar a necessidade de «As bodas de sangue», de Lorca, serem feitas por todos não por um. E que a fiscalização da feminilidade não se obtém com o simples gesto de levantar a saia em público. Por isso não culpamos os actores mas o próprio corpo a que pertencem. Mas que isto não sirva de desculpa para a pobreza de certas interpretações, muito explicativas mas nada transformadoras.

Depois de assaltados os dois regimentos que, de entrada, aderiram à revolução, em ambos assumiu papel relevante a propaganda anticoncepcional e antidoping, aliás já largamente divulgada nos seus prolegómenos. Passar a escrever-se sobre bicicletas (entenda-se em cima delas) é uma proposta a considerar, tanto como a de pintar em pára-quadras ou a de copular em trapézio sem rede. Este alçar (ou desabar?) de escudos justifica-se, sobretudo, pelo tom inamistoso dos relatórios das Secretarias de Estado e comissários do povo sobre a formação política das novas gerações.

EMBORA não sem alguma, inevitável, fricção interna, foi longa a viagem da caravana. Sobre a tendência dominante não parece ser difícil formular uma previsão geral. A estética, como a política, perde o carácter minimamente conceptual quando o sujeito, por actos ou palavras-actos (não palavras que suponham actos), confessa a sua rebeldia e o seu inconformismo integral. Também as plataformas de lançamento para novos conceitos de hegemonia são vistas como manifestações sumptuárias entre o café e as bananas. Os pais desconhecem ainda que estão iminentes novos problemas.

Em consequência destas circunstâncias instáveis, não é de estranhar, portanto, que uma tensão quase intolerável, reclamando uma resposta urgente, se tenha tornado a fulgurante figura da proa dos veleiros da tirania. Se, efectivamente, a primeira função da escrita é facilitar a escravidão, a sua função seguinte é destruir o despotismo, processo dialéctico irreversível: voltar ao princípio, ao signo, à emoção; e daí, claro, a uma nova liberdade comprometida.

As palavras são deformações da imagem que existe sempre antes das palavras. A imagem é a estrutura em que assenta todo o comportamento humano: eu vejo redondo e tu ouves amarelo. Se Levi-Strauss escolheu «apontar o seu microscópio» sobre as sociedades primitivas, é essencialmente porque, como o astrónomo, experimenta a necessidade de estar distanciado do fenómeno que observa — maneirismo maneta, míope e sacristão, este de meter a Praça da Estrela na Travessa do Fala-Só.

NÃO tenhamos ilusões sobre a gravidade dos acontecimentos que se preparam, os quais não resultam apenas da incerteza e insegurança criadas pela substituição das formas de comportamento num pequeno país atrasado e pobre. As dimensões literárias, o mais baixo profissionalismo crítico, ao nível do toma-

-lá-dá-cá, a mediocridade dos candidatos à Academia e ao Museu, são factores de extraordinária repercussão que pesam na missão reivindicadora das gerações mais novas. Ninguém espera, sinceramente, conseguir achar o remédio adequado. O fim do naturalismo descritivo e da crítica interpretativa coincide com o crepúsculo de uma época, esta época, a nossa. Não se pode deixar de ter em conta que o aumento (dito fenomenal) da riqueza, sem contrapartida na distribuição equitativa da mesma, não pode ajudar por si só a estabelecer a ordem onde reina o caos. Esta é, pelo menos, a opinião de alguns sociólogos marginais. Quem pode levar a sério «a vocação do povo americano para regenerar o Mundo»?

Expirou ontem o prazo para a célebre ofensiva relâmpago. Muitos observadores ficaram desiludidos, pois por nada deste mundo esperavam que fosse mais uma vez protelado o esmagamento do último bastião da resistência catedrática. Verifica-se hoje que aquilo que era tomado por uma infecção virulenta ao nível das meninges não passou afinal de uma leve brotoeja. Que outra conclusão se pode tirar do regresso passivo às masturbatórias actividades discentes?

Todavia, enquanto os senhores da Cátedra permanecem ligados às práticas tradicionais (a sueca e o bridge), o gosto popular pelo futebol passou a ser uma realidade com a qual terá que contar-se futuramente. Todos os homens, qualquer que seja a sua nacionalidade ou o seu local de residência, todos aqueles, enfim, a quem os modernos meios de transporte à distância fornecem a possibilidade de tomar conhecimento dos acontecimentos e acompanhá-los na origem, terão de ajudar a manter o fogo que atearam ou, doutro modo, arriscam-se a sofrer durante vários anos as consequências da sua lamentável indecisão e a aprender assim, à sua custa, a inconveniência de não se proceder de harmonia com os princípios apregoados.

A capacidade do homem para reproduzir a espécie depende mais da qualidade que da quantidade do seu esperma, o que não vem abonar, em nada, a propaganda das sociedades de consumo.

De resto, uma maior produção de esterco só pode conduzir a um acentuado mau cheiro. O resquido dos mortos continua a asfixiar os vivos, ou porque deles ficam os preconceitos, ou porque um sentimento pegajoso não os deixa deslocar uns aos outros, ou porque a sua presença paira como um miasma a que chamam saudade. Uma atmosfera de gesso liga as pessoas enquanto a hipocrisia resguarda as aparências. O conhecido apego dos ingleses a ritos que ficam por herança, sem que se lhes descortine causa ou razão justificativa, aparece nas crianças britânicas como um laço de ferro que a leitura da Bíblia, todas as noites ao deitar, preenche de sugestões místico-eróticas.

A COEXISTÊNCIA pacífica de uma tese e de uma antítese só existiu, se o foi, na corte do Rei Artur. Este anseio idealista que não desarma mesmo perante a inevitável estupidez dos homens é, talvez, um dos factores que mais contribuem para a alienação conventual do sentido e forma da poesia. O modelo desta pequenina estrutura, em forma de testículo encolhido, ainda hoje afecta as mentalidades mais tímidas, ou ditas amoráveis, de tal modo que a reacção antilírica, dentro da chamada nova poesia portuguesa, nem chega tão-pouco para lambar as botas aos conceitos tradicionais (poéticos e outros).

A gangrena que a lucidez não deseja sarada é uma doce plataforma no campo literário português, a cargo de uma publicidade muito pouco crítica, embora suficientemente lucrativa no bom sentido argentário do termo, pretexto para submeter o espírito às comissões de inquérito organizadas por Luís XIV.

Galileu descobriu as manchas solares (dizem), Afonso Cautela o profissionalismo poético do após-guerra e José Augusto França, que eu saiba, não descobriu nada — embora seja o mais próximo candidato ao Museu.

LIBERDADE tem sido sempre uma palavra de combate. Hoje é um slogan publicitário para confundir os interesses do consumidor com os da tecnologia industrial. Mas observa-se agora uma estranha coisa: «dos três milhões de portugueses que exercem uma profissão, cerca de trinta por cento são operários»...

Quer nos voltemos para o Japão ou Formosa, para a Alemanha Ocidental, América Latina ou os novos Estados Africanos, logo se verifica que, muito embora a importância relativa do operariado possa variar, como efectivamente varia, existe sempre uma evidente dicotomia entre o trabalho e a recompensa. Só os que não trabalham têm «copyright» de ociosidade.

Como veremos, há certas dificuldades em todas as posições de comodidade — nenhuma posição «moral» está isenta de dificuldades — embora não tão graves quanto as de qualquer posição puritana, dado que estas são eticamente insuperáveis. Colocar uma bomba num avião de carreira não pode ser considerado, aprioristicamente, como um acto anti-social. A existência de meia-dúzia de indivíduos pode ser mais prejudicial à sociedade do que o seu desaparecimento. Isto, admitindo mesmo que não há uma oposição irreductível entre indivíduo e sociedade. Mas uma vez que o conflito entre os absolutos alegados é inevitável, tentar encontrar um compromisso ou solução dita inteligente, parece ser o único caminho viável. Não seremos nós, no entanto, a preconizar esta via. O meio-termo, ou posição centrista, é o domínio totalitário do oportunismo. Confundir inteligência com esperteza continua a ser um hábito saloio desde os Pampas aos Urais. Outrossim é o nosso propósito. Preferimos, com todos os riscos inerentes, considerar o invólucro da inteligência como uma espinha dorsal inflexível.

AS GUERRAS só favorecem as forças da repressão e significam, entre outras coisas sinistras, uma paragem do esforço cultural posto em cheque pela reacção que se sente cada vez mais ameaçada pela cultura. A juventude que se deixa massacrar nos campos de batalha não se oferece, em contrapartida, outra perspectiva que a de uma vida medíocre, limitada nas suas aspirações, espoliada nas suas realizações materiais pela tirania dos argentários. E, para cúmulo, pretende-se ainda o respeito e o amor dessa mesma juventude.

Já não é de agora, com a última cisão malgaxe num movimento candial — trigo de primeira qualidade — e num outro candeal — iluminações no campo — que se constatou haver duas posições, se não antagónicas pelo menos divergentes, no seio dos que acreditam que todo o acto de amor é um acto livre. Esta contradição, mais aparente que real, não é, como se pode supor a um olhar descuidado, o ponto fulcra! em que a partida é assinalada a golpes de fuzil. Na realidade, uma e outra, ainda acreditam na excelência do voto e em que a expressão protocolar «minhas senhoras e meus senhores» é o insulto adequado a um público que só existe por snobismo ou dever de ofício: ratos de cultura, informadores a expensas do tio e alguns simpáticos pataratas (poucos).

O crescente aumento da produção de objectos úteis atingirá, fatalmente, o seu ponto de ruptura, pois, doutro modo, seria pagar-se a revolução a preço irrisório. Mas, antes disso, se acreditais que toda a acção determina uma reacção equivalente, tanto no plano físico como moral, deveis estar atentos às tenebrosas maquinações das forças do obscurantismo e da miséria.

Não reivindicamos toda a glória ou ignomínia da crescente oposição à sociedade moderna mas, presumivelmente, outros farão o possível por nos conceder esse diploma, logo que for necessário encontrar um bode expiatório.

No presente, prossegue o diálogo de surdos entre os mantenedores da ordem e os que recusam as promessas falaciosas de

uma liberdade condicionada. Todas as cartas estão trocadas. Em nome da necessidade de maior liberalização, os poderes constituídos proclamam o desejo de dialogar, não se afastando, todavia, dos meios tradicionais de repressão e contrôle, o que significa aceitarem o jogo parlamentar, pelo menos de momento, como a melhor forma de confundir, limitar e subverter os verdadeiros anseios democráticos.

No seu primeiro dia de trabalho, as comissões de voto, constituídas em trampolim para o conforto em órbita, funcionando de forma reduzida num tempo reduzido, entenderam fazer à imprensa (reduzida) o reduzido esclarecimento das suas intenções. Mas desde logo, ao congratularem-se com o acontecimento, que pode ter sérias repercussões na moral prospectiva e na recto-cólite hemorrágica das formas mais aleatórias do desespero irrisignável, apontam a necessidade de, para além de algumas lembranças enevoadas que o ouvir dizer suscita, um esforço franco, sério e fundamental para decidirmos se sim ou não o violino de Ingres joga qualquer rolo importante na nossa higiene mental; planificar as chamadas telefónicas; usar roupas confortáveis, quer dizer, amplas; perder o mau hábito de correr em vez de caminhar; não atrasar o almoço.

Concomitantemente à modificação das maneiras de sentir e actuar, a nossa forma de rir é já muito diferente, diremos mesmo que é um dos mais extraordinários capítulos da proto-história da felicidade humana, fenómeno inexplicável que interrompe a série de presidentes, almirantes e cardeais, a qual pela sua longa duração concorreu substancialmente para o agravamento geral dos preços e, em menor medida, para o aparecimento maciço de satélites — tanto naturais como usinados — em volta de personalidades satelares de décima terceira ordem e, também, para exasperar a contradição entre os meios suasórios de provocar o estrabismo e os diplomas que interdizem o uso da mão sinistra em utensílios domésticos, instrumentos musicais (melódicos) e módulos de propulsão, a norte do equador.

CREMOS que as mãos se tornaram diferenciadas no período da História em que começaram a ter lugar os prémios artísticos e literários. O artista distinguido sopesa com a mão esquerda a pecúnia ou a honraria enquanto a mão direita aperta efusivamente a do outorgante. Não é ainda muito claro, contudo, porque deve a mão esquerda receber o fruto do trabalho da direita. Porque não o contrário?

As duas mãos não chegam para que a presença de amor se manifeste, normalmente, em actos amorosos. O complemento desta concepção pode vir a ser o rearmamento em grande escala, prólogo de novas polémicas, as quais evocarão o melhor período da «época das luzes» que precedeu o 31 de Janeiro. Quando no seu segundo manifesto, que por uma questão de coerência devia ter sido o último, André Breton propõe a verdadeira ocultação da mão esquerda do surrealismo, é a mão no bolso que se deve entender, não para a suave fricção alienadora, mas antes, e sobretudo, para a recusa da venera.

Lx. Dezembro 1968

AS VIRTUDES DIALOGAIS

Dentro
de mim
há uma planta
que cresce
alegremente
que diz
bom dia
quando nos amamos
ao entardecer
e boa noite
quando florimos
à alvorada
uma árvore
que não está com o tempo
este tempo
a que chamamos
nosso.

IDADE SEM RAZÃO

Os animais
cuja vivência
são as visitas
que todos temos feito
a girafa
ou o crocodilo
bastam
para romper
a fascinação
idade
cartesiana
tanto
do direito
como
do avesso

PEQUENA HISTÓRIA CRONOMETRADA DOS DÁDÁS E SURREALISTAS DE CÁ

LUIZ PACHECO — Exceptuando Almada Negreiros, dáda avant la lettre e dáda comendado, e Mário Cesariny, surrealista avant la plume, nenhum dáda ou surrealista o foi nos terrenos lusíadas antes de Luiz Pacheco. Em 31 de Janeiro de 1953, às 3 horas 42 minutos 15 segundos e 2 décimos, Luiz Pacheco, depois de já ter editado alguns ditos surrealistas e outros tantos fascistas, Mário Cesariny e Goulart Nogueira v.g., tropeçou num caixote de lixo, onde tinha estado pouco antes a ver se abichava umas ideias, e começou a monologar o que mais tarde veio a pôr em letra de forma:

«Estou arrependido. Fui duro, fui cruel, fui audaz, fui desumano. Fui pior, porque fui (muitas vezes) injusto e nem sei bem ao certo quando o fui. Fui o que vulgarmente se chama um tipo bera, um sacana. Não peço que me perdoem.»

«Eu para mim já não quero nada, não desejo nada. Tenho tido quase tudo o que tenho querido, lutei para isso (talvez o merecesse). Agora já não quero nada, nada. Já tudo, tanto me faz; tanto faz».

Assim se tornou Luiz Pacheco no primeiro dáda português. Dessa data em diante, nunca mais Luiz Pacheco desmereceu dos seus manes mais queridos, Al Capone e Dedão, passando a constituir ele só a guarda avançada do mais puro e incorrupto dáda, com actuações de um desassombro e audácia, verdadeiramente única, neste nosso meio provinciano e timorato.

Numa audição de Fernando Lopes Graça, quando toda a gente batia palmas, francamente agradada, Luiz Pacheco com a voz não muito grossa que deus lhe deu e o vinho afeiçãoou, pôs-se a gritar: «Mas eu digo-lhes: é essa uma música horrível, uma música que nos entra pelos ouvidos e me endoidece. Crianças que pedem pão (pão sem literatura, ó senhores!)»...

Depois de umas pequenas férias, bem merecidas como prémio de um labor pertinaz, Luiz Pacheco já retomou o lugar cimeiro que é devido nas lides da antiliteratura olissiponense. O seu primeiro cuidado, ao voltar à arena das letras, foi chamar à pedra o ex-compadre (das críticas), ex-discípulo e exágono Dr. Palma-Ferreira, que se tinha transviado nos invios caminhos do romance de costumes (maus).

Luiz Pacheco, embora pese a muitos, ainda está para dar e durar.

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA — Logo depois de Luiz Pacheco, eram precisamente 3 horas 42 minutos 15 segundos e 3 décimos do dia 31 de Janeiro do ano de 1953, José-Augusto França proclamou-se o segundo dáda português. Seguia, discretamente, uma noctívaga borboleta quando, ao passar junto a uma garagem, os dizeres de um cartaz o deixaram siderado: «ÓLEO DA LUBRIFICAÇÃO RACIONAL». Emocionado como vinha pelo antegosto da caça que perseguia, em vez de dizer eureka pôs-se a gritar DADA! DADA! DADA!

E ficou assim para sempre.

CARLOS EURICO DA COSTA — É este um verdadeiro surrealista, quiçá o mais meticulosamente surrealista de cá, injustamente acusado de não o ser. Depois de 7 poemas, nasceu à hora da missa ninguém percebeu. Requiem.

E. DE MELLO E CASTRO — Eram exactamente horas de jantar, E. de Mello e Castro atira les jambes de mouton pela janela e exclama: «de futuro só como sopa de letras!»

AFONSO CAUTELA — Ainda mal se extinguiu a última badalada do após-guerra e já Afonso Cautela tinha percebido que ser Poeta, sim, mas de profissão. Mas a profissão de poeta está pela hora da morte. No entanto, Afonso Cautela vai resistindo como sabe e pode.

ANA HATHERLY — Newton descobriu a maçã? Ou foi a maçã que inventou Newton? Ana Hatherly come maçãs a qualquer hora. Foi pois ao descascar uma maçã que Ana Hatherly descobriu o divino marquês.

A frase com que se iniciou nos mistérios da surrealidade é já histórica: «Cheira maçadel!»

BRUNO DA PONTE — É um homem muito bem educado. Diz a tudo que sim. Um dia perguntaram-lhe: você é surrealista?

NATÁLIA CORREIA — É exactamente o contrário de Bruno da Ponte. Nunca lhe perguntaram se era surrealista.

RIBEIRO DE MELLO — Surrealista de fresca data: desde que esfola criancinhas com o patrocínio da Gulbenkian.

EURICO GONÇALVES — Recusa apaixonar-se por um buraco. Dádá não é um buraco.

RUI MÁRIO GONÇALVES — Nunca recusa apaixonar-se por um buraco. Dádá também é um buraco.

SALLETE TAVARES — Não é exactamente a Natália Correia. Diz que não ao médico. Diz que sim ao padre. Na hora do arrependimento o confessor perguntou-lhe: «minha filha, tu és dádá?»

CRUZEIRO SEIXAS — Surrealista em Câmaras de África. (Está cá de passagem.)

Lisboa, 28 de Dezembro de 1968

O PEIXE (HOMENAGEM A ARP)

O PEIXE é uma coisa sempre fresca enquanto a caca nem sempre dura por isso ao metê-la no correio ou mandá-la prós jornais é conveniente a embalagem em folhas de papel de seda para doces vulgo waldorf ou canasta-chá-das-cinco acompanhada de respeitosos cumprimentos e outros cobertores protocolares onde a febre das famílias possa enfim molhar a sua urina

por outro lado resulta muito agradável um pequeno cheiro de literatura e uma borradeira dada à mão nas orlas da missiva

o criticismo criticianismo cricriísmo e outras formas de gritar muito baixo para dentro e dentro só podem levar à ruptura de orelha e não são aconselháveis a acompanhar a remessa de um peixe muito fresco

ainda no mesmo lado que é como quem diz visto de dentro tentando rebentar para fora das formas de dejeção do peixe foram sempre antagónicas do arrebenta congraçado à venera

também se acredita que para viajar no espaço não é necessário ter cauda mas espaço e tempo disponível para fugir com o rabo ao apertão da gaiola

o nosso espanto maior foi cair de costas neste pequeno charco a que chamam liberdade rodeado de esmegma por todos os lados abissais e ter ainda o guarda-chuva aberto muito erecto entre as coxas submersas

por isso ao enviar este peixe ao meu amigo dos jornais recomendo-lhe que mande estampar todo o texto em itálico miudinho excepto a palavra caca que fica melhor em normando gordo

(1968)

*

aproxima-se o tempo quente e com ele o fim da época venatória por isso resolveu o autor oferecer este peixe aos seus amigos apreciadores de boas peças cinegéticas que no defeso da caça fazem acto de contrição nas espécies domésticas

reconheço que é uma variante longe do valor gastronómico da boa caça mas que à falta de melhor derivativo tem a vantagem de se conservar sempre fresco metido em frigorífico à espera de melhores dias

AVISO

na presente época da caça não estão em condições de servir para consumo as seguintes espécies cinegéticas:

calvet da costa cesariny paula rego pedro oom cruzeiro seixas natália correia virgílio martinho (com algumas fervuras de neo-realismo pode-se consumir) sallete tavares ernesto sampaio antónio josé forte

[Inédito]

HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS (EMANCIPADAS)

3 HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS (EMANCIPADAS)
QUE SÃO 3 EXEMPLOS DE COMO SE PODE
DETER A INFLAÇÃO

O SOLDADINHO DE CHUMBO

Era uma vez um soldadinho de chumbo que só comia rabanetes.

Um dia o saloio que lhos vendia resolveu aumentar o preço.

O soldadinho de chumbo estava cheio de fome e não tinha dinheiro que chegasse para comprar os rabanetes.

Como tinha nascido com seis dedos na mão esquerda resolveu cortar o que estava a mais e assim tentar pagar o preço que o saloio lhe pedia.

Mas o saloio disse que não que não aceitava que o chumbo estava muito desvalorizado que só aceitava o pagamento em ouro ou prata.

Diante deste desaforo o soldadinho de chumbo ficou muito indignado.

Armou-se de um terço e de uma grossa Bíblia e desatou a disparar imprecações.

E foi assim que o soldadinho de chumbo ganhou a guerra.

O ELEFANTE DE OURO

Num país das Arábias um vendedor de hortaliças que tinha viajado pelas Índias Orientais trouxe de lá um elefante pequenino.

Resolveu alimentar o pequeno elefante com papas de ouro em pó até que este ao chegar à idade adulta se tornou um verdadeiro elefante de ouro fino.

O ouro começou a escassear no país.

Viu-se o comerciante de hortaliças na necessidade de dar outra alimentação ao elefante.

Como as couves galegas eram o artigo mais barato passou a dar-lhe couves galegas todos os dias.

Mas como o elefante comia duas toneladas de couves a cada refeição o pobre comerciante teve de começar a dar-lhe outras hortaliças desde a couve portuguesa até à couve de Bruxelas.

Passou a haver uma escassez enorme de hortaliças no país.

O pobre comerciante na iminência de se ver arruinado teve de dar a liberdade ao elefante. Este coitado cheio de fome passou as passas do Algarve sem saber o que havia de fazer à sua vida.

E foi então que teve a ideia de se ir oferecer ao Banco Central.

O Director do Banco Central do Governo ficou radiante: as reservas metálicas do Tesouro estavam exaustas e o dinheiro não valia NADA.

O elefante passou a viver confortavelmente na casa forte do Banco.

E assim se equilibrou a circulação fiduciária do país.

UM TOTOBOLA PARA TODOS

Nos confins da Ásia existia um povo muito infeliz.

Desde o Ministro ao simples camponês passavam todos imensas privações trabalhando vinte e quatro horas por dia a fim de pelo menos tentarem morrer decentemente.

Mas todos iam parar à vala comum.

Até que o Governo teve a ideia luminosa de instituir uma Lotaria Nacional (estilo Totobola).

O povo que desde há tempos vinha já resmungando: «mau, mau, de que vale trabalhar tanto se nem conseguimos amealhar para um enterro decente», aceitou a ideia, a princípio, com certa relutância.

Mas os felizes contemplados na lotaria logo tratavam do seu próprio enterro.

Os caixões eram de ouro fino ou madeiras raras cravejados das pedras mais preciosas: diamantes, rubis e esmeraldas.

Os cortejos fúnebres passaram a constituir alegres procissões com muitos arautos que apregoavam a glória do defunto.

Com a eliminação progressiva dos concorrentes, os restantes totobolistas adquiriram a certeza de ainda chegarem a ser totalistas.

Eliminada a insegurança quanto ao futuro aquele povo passou a ser um povo muito feliz.

2 HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS (EMANCIPADAS) QUE ILUSTRAM A DIFERENÇA ENTRE O AMOR FILIAL E O AMOR CONJUGAL

O COELHINHO QUE NASCEU NUMA COUVE

Era uma vez um coelhinho que nasceu numa couve.

Como os pais do coelhinho nunca mais aparecessem a couve passou a cuidar dele como se do seu próprio filho se tratasse.

Com ervinhas tenras que cresciam ao seu redor a couve foi criando o coelhinho dentro do seu seio até que este passou a procurar a sua própria alimentação.

O coelhinho, que tinha um coração muito bondoso, retribuindo o afecto que a couve lhe dedicava considerava-a como sua verdadeira mãe.

A mãe couve e o seu filhinho adoptivo foram vivendo muito felizes até que um dia uma praga de gafanhotos se abateu sobre aquelas terras.

O coelhinho ao ver que aqueles insectos vorazes devoravam tudo o que era verde cobriu com o seu próprio corpo o corpo da mãe couve e assim conseguiu que os gafanhotos pouco dano lhe fizessem.

Quando aqueles insectos daninhos levantaram voo os campos em volta passaram a ser um imenso deserto de areias e pedra.

O pobre coelhinho, que sempre tinha vivido nas proximidades da sua mãe couve, teve de deslocar-se para muitos quilómetros de distância a fim de procurar comida.

Mas já nada havia que se pudesse mastigar naquelas terras.

Passaram muitos dias e o pobre coelhinho estava cada vez mais magro mais magro e faminto.

Então a mãe couve disse-lhe assim:

«Ouve meu filho: é a lei da vida que os velhos têm de dar o lugar aos novos, por isso só vejo uma solução: assim como tu viveste durante algum tempo no meu seio passarei a ser eu agora a viver dentro do teu. Compreendes, meu filho, o que eu quero dizer?»

O pobre coelhinho compreendeu e, embora com grande tristeza na alma não teve outro remédio, comeu a mãe.

O PORQUINHO QUE DORMIA DE COSTAS

Havia um casal de porquinhos cujo único motivo de discórdia era a maneira como cada um deles dormia.

D. Porquinha durante o sono ia sempre mudando de posição. Esta maneira de dormir concorreu para que adquirisse as mais elegantes formas porcinas (redondinha que nem um barril).

Já o Sr. Porquinho tinha uma maneira incómoda de dormir. Deitava-se de barriga para o ar e assim permanecia durante o sono.

Por isso ressonava de tal maneira que por vezes acordava a vizinhança. E esta maneira de dormir provocava-lhe também tão grandes estremecimentos por todo o corpo que as pernas e os braços se agitavam em violento escoicinhar. E a barriga movia-se de tal maneira que mais parecia uma montanha a desabar.

De tanto dormir de costas o lombo, a parte mais apreciada da beleza na espécie porcina, estava liso como uma tábua de engomar.

D. Porquinha, depois que passaram a dormir em camas separadas, habituou-se à maneira de dormir do marido.

Um dia, o Lobo Mau conseguiu entrar em casa enquanto os porquinhos dormiam.

Foi-se à D. Porquinha e, enquanto ela se ia virando como um frango no espeto, foi-a deglutindo paulatinamente.

Acabado aquele repasto, como ainda estava esfomeado tentou também comer o Sr. Porquinho.

Mas neste caso foi mais difícil porque o Sr. Porquinho mesmo a dormir aplicou-lhe tantos pontapés e bofetões que o Lobo Mau teve de desistir, tendo só conseguido abocanhar-lhe um pequeno pedaço da parte de baixo da barriga.

Quando o Sr. Porquinho acordou percebeu logo o que tinha acontecido.

Depois de chorar a morte da esposa o Sr. Porquinho, que era um tanto filósofo, pensou lá com os seus botões:

«Afinal há males que vêm por bem, pois se não fosse esta minha maneira de dormir já estava a estas horas no papo do Lobo e assim a única coisa que ele me conseguiu comer foi um pequeno bocado que, aliás, até já nem me faz falta porque perdi a minha companheira.»

O LOBO SENHORIL

Nos tempos do feudalismo existia um lobo que era dono de um magnífico castelo e de um imenso território: vastas pradarias, coutadas e terras de cultivo.

Os seus servos eram uma pequena legião de mastins, constituindo a sua guarda de corpo, cuja principal ocupação consistia na caça ao javali, ao veado e ao cabrito montês, que eram as peças fortes das refeições de Sua Alteza o Senhor Lobo.

A pequena hoste de mastins formava a classe nobre dos súbditos de Sua Alteza o Senhor Lobo. O Povo, os servos da gleba, que cultivava os frutos, as hortaliças e fabricava o vinho com que o Senhor Lobo acompanhava os seus pratos fortes, andava por cerca de uma dezena de milhar de ovelhas e cordeiros, mais coisa menos coisa. (Naqueles recuados tempos, em que ninguém sonhava com os «Recenseamentos Gerais da População», não havia possibilidade de ter-se uma ideia, aproximada que fosse, do número de almas verdadeiro sobre a Terra.)

O Senhor Lobo, que tinha um coração terno, um coração de poeta, gostava imenso de flores, por isso começou a transformar as terras à volta do Castelo em jardins e parques que metiam num chinelo os famosos jardins do Palácio de Versalhes ou os ainda mais famosos jardins suspensos da Babilónia.

Aquela mania do Senhor Lobo foi alastrando de tal maneira que por fim as pradarias e as terras de cultivo ficaram reduzidas a uns míseros hectares. E até as matas e coutadas não escaparam à paixão de Sua Alteza pela jardinagem.

O Povo, ao ver que as suas terras iam ficando cada vez mais minguadas, tentou fazer ver ao Senhor Lobo a insânia do seu procedimento. Mas os mastins, que constituíam a guarda de corpo do Senhor Lobo e que formavam uma hierarquia muito difícil de transpor, exigiam que os cordeiros e as ovelhas se deixassem tosquir, a título de presente (a lã era muito apreciada pelos mas-

tins que com ela confeccionavam samarras, pelicos e safões); as exigências eram de tal modo exorbitantes que nunca nenhum cordeiro ou ovelha conseguiu chegar até Sua Alteza o Senhor Lobo.

O ajardinamento daquele feudo continuou a alastrar inexoravelmente.

O Povo, ao ver-se despojado das suas terras, não teve outro remédio senão emigrar para as terras vizinhas. Os próprios mastins, ao escassear a caça de que se alimentavam e a fonte de rendimento que era a tosquia das ovelhas e cordeiros, abandonaram também o Senhor Lobo e foram oferecer os seus préstimos aos Senhores dos outros feudos limítrofes.

Moral: nem só de flores vive o Lobo.

UM TOSTÃO PARA O ENSINO

Num pequeno país atrasado e pobre o Primeiro-Ministro preocupava-se muito com a ignorância do seu povo.

A percentagem de iletrados era tal que não se descortinava maneira de arrancar do estado de subdesenvolvimento para a fase industrial a que o país necessitava chegar.

O Primeiro-Ministro reuniu os melhores pedagogos do país que elaboraram um pequeno livro de bolso, a que chamaram «Cartilha Paternal», onde se resumia em frases simples toda a Ciência existente.

A «Cartilha Paternal» foi distribuída gratuitamente a todo o Povo, o qual lhe deu a serventia que estava habituado a dar a todo o papel, liso ou impresso.

Moral: a instrução não custa um tostão...

2 HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS (EMANCIPADAS) ONDE SE PRETENDE DEMONSTRAR QUE A «ARTE ACADÉMICA» E A «ARTE MODERNA» EMBORA TENDO NASCIDO DE MOTIVAÇÕES DIFERENTES ACABAM POR SERVIR AOS MESMOS FINIS

O PINTA-MONOS

Era uma vez um macaquinho que tinha muita habilidade para pintar.

Todos os macacos importantes desejavam que ele lhes pintasse o retrato.

O macaquinho tinha um jeito especial para apresentar os modelos sob os ângulos mais favoráveis, de modo que todos os retratados ficavam muito satisfeitos. Desta forma começou a ganhar muito dinheiro e fama.

Apaixonou-se por uma linda macaquinha que fazia versos e resolveu casar. Mas a macaquinha disse que não casava com um imbecil que só pintava para imbecis.

O macaquinho começou então a pintar paisagens, mas os figurões da macacada continuavam a comprar-lhe os quadros para depois exibirem aos amigos como se fossem as suas terras.

A macaquinha não gostou e continuou a chamar imbecil ao macaquinho. Este, desesperado, passou a pintar naturezas mortas: amendoim, bananas, ameixas, cocos.

Mas os macacões continuavam sempre a comprar os quadros. Desta vez punham-nos nas suas salas de jantar e mostravam aos amigos os frutos esplêndidos das suas quintas e herdades.

A macaquinha que fazia versos não suportou mais e disse ao pobre macaquinho apaixonado: «Não consegues passar de um imbecil pinta-monos, desampara-me a loja de vez.»

O macaquinho, ao ver-se assim repellido, não resistiu ao desgosto e matou-se.

Com a morte do macaquinho acabou-se a «arte académica» naquele reino da macacada.

UMA ESTATUA PARA PACO PAREDES

Num «pueblo» andaluz existia um burrico que dava pelo nome de Paco.

O pobre burrinho, que passava o dia em carregos só se sentia verdadeiramente satisfeito quando, ao chegar ao estábulo, abancava à manjedoura agitando o rabo.

Um dia, uns pintores que andavam a pintar as casas do dono do Paco deixaram algumas latas de tinta no estábulo.

Quando Paco acabou o seu dia de trabalho e abancou à manjedoura, agitando alegremente o rabo, como sempre fazia, o apêndice caudal, devido às dimensões exíguas do estábulo, ora se molhava numa ora noutra lata de tinta e, em pouco tempo, a parede que estava por trás dele converteu-se num lindo quadro abstracto.

Na manhã seguinte, os filhos do dono do Paco ao verem o que tinha acontecido chamaram o pai:

«Olha, paizinho, já viste o bonito quadro que o Paco fez? Se o pusesse no nosso quarto ele fazia o mesmo e o nosso quarto ficava muito mais bonito.»

O dono do Paco não achou praticável a ideia de transformar o quarto dos filhos num estábulo, mas aproveitou a ideia de outra maneira: colocava telas por detrás do Paco, que as ia pintando alegremente enquanto comia.

Os quadros passaram a decorar o quarto dos filhos do dono do Paco. E os amigos dos filhos do dono do Paco, quando viram os bonitos quadros, também pediram aos pais que lhes arrandassem quadros idênticos para decorar os seus quatinhos.

A ideia espalhou-se e o Paco não tinha mãos a medir, que é como quem diz, não tinha rabo a medir.

A partir daí, Paco, que por causa da sua vocação passou a ser designado por Paco Paredes, deixou de ser empregado nos carregos e começou a estar o dia inteiro a comer e a pintar alegremente.

Ora isto de passar a vida a comer não convém a ninguém, mesmo a um burro tão prendado como era Paco Paredes. E um dia, zás, esticou o pernil com uma indigestão.

O dono do Paco, que tinha enriquecido com os quadros que ele tinha pintado, em sinal de reconhecimento mandou erigir-lhe uma estátua.

AS 20 HISTÓRIAS DA AVOZINHA

O menino Zeca gostava muito de ouvir as histórias que a avozinha lhe contava.

Mas chegou um dia em que, quando a avó tinha começado a contar uma das suas histórias, o Zequinha interrompeu-a e disse:

«Esse conto não, avozinha, já ouvi, é o do Lobo Mau.»

A avozinha começou a contar outra história mas o Zequinha voltou a interromper:

«Essa também já conheço, avozinha, é a do macaco sem rabo.»

E a avozinha foi começando a contar outras histórias mas sempre o Zequinha ia dizendo:

«Essa não, já conheço, avozinha, conte outra.»

A avozinha, que era analfabeta e só tinha aprendido a contar pelos dedos, contou dez dedos das mãos e dez dedos dos pés e nessa altura viu que já tinha contado ao netinho todas as histórias que sabia.

Então a avozinha disse ao netinho:

«Olha, Zequinha, já não sei mais nenhuma história, pede ao teu pai que tas conte.»

Mas o pai do Zequinha não sabia nenhuma história porque era uma vítima da «Talidomida» que tinha nascido sem braços e sem pernas.

E as histórias do Zequinha ficaram por aqui.

NOTA DO AUTOR: Nós que somos do tempo em que a «Escola era risonha e franca» e não existia ainda o Ensino Básico obrigatório, e que igualmente só aprendemos a contar pelos dedos, nunca tendo conseguido preencher por completo os dedos das mãos e dos pés com qualquer espécie de contos (de Reis ou de Fadas), também resolvemos ficar por aqui.

Até porque acreditamos não existir, sequer, meia-dúzia de crianças verdadeiramente emancipadas no mundo inteiro.

ESPECULAÇÕES PATAFÍSICAS DO DR. FAUSTROLL

1

UM CHAPÉU DE COCO não é uma pirâmide etária, embora possamos conceber uma abóbora como um polígono de frequências; classes de rendimento, por exemplo. Mas somente a patafísica nos dirá o significado: estratos sociais médios aboborados, pletóricos. Claro, isto é mera figura de retórica, pois as abóboras nunca apresentam a forma usual de cristal de rocha, antes, pelo contrário, são as exceções, neste caso, que formam a regra.

Num exemplo actual, a emigração, a patafísica mostra que não se pode equacionar

$$Pv = Vq$$

em que Pv = Potência velocipédica e Vq = Vômito quotidiano, pois

$$Pv > Vq$$

E isto, sim, é uma verdadeira abóbora.

2

No campo das ciências sociais, aí, sim, a patafísica é um chapéu de coco: por mais papelinhos que se deem lá dentro nunca sairá um frango recheado, embora possam sair muitos decretos, portarias, notas oficiosas, despachos ministeriais, entrevistas e mesas-redondas.

3

É no domínio financeiro que a patafísica tem aplicação mais vasta. A equação

$$I = \frac{\delta p}{\Delta f} \times 100$$

que mostra ser a inflação (I) a relação entre o decréscimo da produção de bens de consumo, ou a diminuição do stock desses mesmos bens (δp), e o aumento da circulação fiduciária (Δf), foi o primeiro ensaio da patafísica neste campo. Até aqui, nada de grandemente original. O seu maior contributo foi definir os termos

$$\delta p = \sum c$$

em que $\sum c$ significa o somatório de cuspo dos que possuem dentes de ouro. E, igualmente

$$\Delta f = \sum c + Pm$$

em que Pm é o novo papel moeda.

Daqui se infere que, quando não há nova emissão de papel moeda, a expressão será

$$\begin{aligned} \delta p &= \Delta f \\ \text{ou} \\ I &= \delta \frac{2}{p} \end{aligned}$$

ou

$$I = \frac{\sum c}{\Delta f} \times 100$$

ou ainda

$$I = \Delta \frac{2}{f}$$

donde se conclui que a solução de I (deter; diminuir; jugular) é extrair a raiz quadrada aos termos $\sum c$, $\sum c$ e Δf , o que deixará estes termos definitivamente sem raiz.

4

Na geo-política, a patafísica classificou a África, a América do Sul e todas as superfícies peninsulares como continentes submersos, o que, até agora, ainda não foi contestado.

ESGRIMA INQUISITORIAL COM ALFRED JARRY

CRÊS EM DEUS ?

— Fui objecto de uma educação esmerada. Sou detentor do canudo da Faculdade de Artes Altas e Baixos Ofícios Correlativos. Verdadeiro especialista em artes visuais e do apalpanço, posso sentir a delicada fragância, a subtil vibração, o suave matiz de um azul castanha em estado puro. Razão porque não quero outro pintor de paredes. Ele esteve ontem em minha casa a pintar o teto. Ficou bacano. O pior foi que se esbarrondou pelo escadote abaixo, mesmo de pança no soalho, e fracturou a pistola.

Não me pergunte, o meu amigo, se estava no Seguro. Os tetos estão sempre seguros, embora, quando a gente mal se precata, desatem a voar mansamente, cada vez mais alto, cada vez mais para cima.

Apesar do filho dele ser um malandrim da pior espécie, eu não disse que tivesse feito batota na corrida velocipédica da Paixão, transformado em aviador. Vamos lá por partes. Eu disse, isso sim, que foi ele que me apontou aos bufos para se poder abotoar (desabotoar) com a minha mulher. E que ela, daí o equívoco, também lhos pôs com um aviador. Também não tenho nada a ver com a mãe dele. Cada um é virgem à sua maneira ou, pelo menos, deveria ser.

Quando me perguntam se creio na Santíssima Trindade, respondo que não sou eleitoralista. Tão-pouco apreciador da lobotomia à portuguesa curta. Mas se considerar os novos e sempre renovados planos para o parcelamento da grande propriedade rústica e municipalização dos bens de raiz urbana, o travão inoperante do desenvolvimento acelerado da crise industrial, a desertificação do espaço nacional provinciano que a emigração pecuária causa, embora acompanhada da fulgurante esperança numa redu-

ção substancial dos brutos, por tudo isto, e ainda pela acarapuçante contra-reforma que desinforma o ensino, terei que concluir que sim.

Suponho que ficou clara a minha posição. Espero que ninguém mais me perguntará: crês ou não? Insisto: não gosto de ovos, não gosto de chouriço, mas gosto de chouriço com ovos. Porque se para baixo todos os Santos ajudam, para cima todos os Diabos empurram.

Anarquista, eu?

Que diabo, deixei de ser parvenu. «Merdra» é um vocábulo que já não funciona. AUGA é que é a palavra da grande desmiação, a palavra por excelência. Ora topem: auga sr. Juiz; auga sr. Bispo; auga sr. General; viva a Armadauga!

Out. 1973

[Cortado pela censura aquando da publicação do n.º 16 da revista & etc; public. postumamente no «Diário de Lisboa», 27/6/77]

A NOIVA PERNA DE PAU

(Toda a representação é feita por mímica, sem qualquer diálogo, mas pode ser ou não acompanhada por fundo sonoro que sublinhe os gestos dos actores.)

CENA I

UM HOMEM e uma mulher sentados num sofá. Ela mantém-se durante toda a cena sem qualquer gesto. Ele, pouco a pouco, vai-se chegando até que a sua perna direita encosta na perna esquerda da mulher. Emperna timidamente. Esboça, com timidez, acariciar a perna da mulher. Repete o gesto várias vezes, sempre sem o concretizar. Por fim consegue concretizar a carícia com muita suavidade. Ajoelha-se. Leva a mão direita ao coração. Beija a perna esquerda da mulher. (Repete estes dois últimos gestos, alternadamente, três ou quatro vezes, pelo menos.) Levanta-se. Arqueia o braço na cintura. Ela dá-lhe o braço e saem.

CENA II

(Apetrechos de cena: o mesmo sofá agora no lado esquerdo do palco; cama de casal e mesa de cabeceira com candeeiro de quebra-luz, ao centro; pequena mesa e duas cadeiras à direita da boca de cena.)

Entram os dois vestidos de noivos. Sentam-se no sofá. Beijam-se. Ele despe-lhe o vestido, combinação, etc.. Quando ela já se encontra em trajes muito sumários, cai a perna de pau, a esquerda. Ele apanha a perna, aperta-a ao peito, beija-a apaixonadamente. (Aqui deve realizar uma espécie de bailado grotesco em que a perna de pau desempenha as funções de partenaire.) Faz gestos para que a mulher se vá embora: como quem enxota moscas. A mulher desaparece. (Um pano de cenário que a oculta. Ou a iluminação que deixa de focá-la, passando a iluminar o outro

lado do palco. Ou a combinação destes dois processos.) Ele continua o bailado grotesco, ora beijando a perna de pau ora apertando-a apaixonadamente de encontro ao peito. Sempre bailando grotescamente, poisa a perna de pau numa das cadeiras. Começa a arranjar a mesa para uma refeição de duas pessoas: os respectivos talheres, copos, vinho, etc., etc., e um candelabro cujas velas acende, depois de fingir apagar a luz do quarto. (A cena fica só iluminada pelas velas do candelabro.) Senta-se na cadeira vaga e, enquanto finge comer e beber, vai também fingindo, com muita ternura, dar a comida e a bebida à boca da pessoa que se supõe ocupar a cadeira onde está a perna de pau. Finge acabar a refeição. Levanta-se e, num bailado mais comedido, finge acender a luz do quarto. (A cena volta a ficar iluminada.) Apaga as velas do candelabro. Pega na perna de pau e deita-a na cama, no lado oposto à mesa de cabeceira, acaricia-a demoradamente com as mãos, tapa-a, deixando à mostra, no travesseiro, cerca de vinte a trinta centímetros da parte da coxa. Acende a luz da mesa de cabeceira e, num estilo saltitante mas apressado, vem apagar a luz do quarto. (A cena fica só iluminada pela luz velada do quebra-luz.) Volta apressadamente, no mesmo estilo saltitante. Deita-se puxando as cobertas até ao pescoço. Inclina a cabeça e beija a perna de pau. Apaga a luz da mesa de cabeceira. (A cena fica completamente às escuras. Há uma pequena pausa de vinte a trinta segundos. Ouve-se então: «Até amanhã, meu amor.»)

CAI O PANO

(Só depois do pano corrido se deve acender a luz na plateia.)

Dezembro de 1972

[Inédito]

INDICE

Actuação escrita	11
A Afixação Proibida	12
«Os surrealistas dizem de sua justiça...»?	20
O Sonhador Espacializado	23
Mãotótem	25
Um Ontem Cão	27
Autoficção da cidade amorosa	31
Carta ao Egito	32
Uma carta para Palma - Ferreira, seguida de Apêndice	34
A geração que se segue	44
Irmãos em Cristo, Sr. Dr. Gaspar Simões	47
A «nobre arte» será um novo urbanismo?	49
Na Exposição de Cruzeiro Seixas	51
Carta a um crítico que principia (bem)	52
Para a exposição de Lud	55
O Homem Bisado	56
Poema	58
Poema	59
Registo de propriedade	60
Excessivamente assim assim	61
Poema	66
O Homem Reduzido	67
As virtudes dialogais	82
Idade sem razão	83
Pequena história cronometrada dos dádás e surrealistas de cá	84
O Peixe (homenagem a Arp)	87
Histórias para crianças (emancipadas)	89
Especulações patafísicas do Dr. Faustroll	105
Esgrema inquisitorial com Alfred Jarry	108
A noiva perna de pau	110

Este livro, de que se tiraram 1 100 exemplares, foi composto e impresso
entre Nov./79 e Fev./80 na Coovaforme - Cooperativa Operária Gráfica
de Antero de Quental, SCARL, Rua Antero de Quental,
197-203 — Telefone, 482837 — 4000 PORTO